

CIBEC/INEP



B0008518



INOVANDO

2)

nas escolas do Paraná



MEC

INEP

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidente da República Federativa do Brasil

Itamar Franco

Governador do Estado do Paraná

Mário Pereira

Ministro da Educação e do Desporto

Murilio de Avallar Hingel

INOVANDO
nas Escolas do
Paraná

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS
E PESQUISAS EDUCACIONAIS

Secretário de Estado da Educação

Bias Abrahão

Diretor-Geral

Divonzir Arthur Gusso

Diretor-Geral

Caleb P. de Carvalho Filho

Coordenadora de Pesquisa

Margarida Maria de S. Oliveira

Superintendente de Educação

Antônio João Mânfió

Coordenador de Administração

Luis Carlos Veloso

Chefes de Departamento

Carlos Alberto R. Alves (DEPG)

Rose Mary G. Gonçalves (DESPG)

Carmen Regina C. dos Santos (DSU)

Leomar Marchesini (DEE)

Angela Fagundes da Costa (CDE)

Archimedes P. Maranhão (CETEPAR)

**Coordenador de Estudos
de Políticas Públicas**

Tancredo Maia Filho

Gerente do Programa Editorial

Arsenio Canísio Becker

**Gerente de Disseminação
e Circulação**

Sueli Macedo Silveira

Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Inovando nas escolas do Paraná/Secretaria de Estado da Educação. — Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1994.

116p.

1 .Ensino de primeiro grau — Paraná. 2.Estabelecimentos de primeiro Paraná. 3.Inovação educacional — Paraná. I.Título.

CDU 373.3(816.2)

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ

INOVANDO nas Escolas do Paraná

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

BRASÍLIA

1994

Equipe elaborador!

Claudi no Gentile Ortigara
Maria Estela Alvin
Marlene Maria Raffo de Souza
Neiva Vieira
Tania Maria Kleckner

Coordenador

Carlos Alberto Rodrigues Alves

Consultor

Moacir Gadotti

Editoração

Antonio Bezerra Filho
Francisco Edilson de C. Silva

Revisão

Antonio Bezerra Filho
José Adelmo Guimarães

Capa

Vera Nojima

IMPRESSO NO BRASIL

Secretaria de Estado da Educação
Av. Água Verde, 1682
80240-900 Curitiba-PR
Fone: (041) 324-1001, ramal 142

INEP—Gerência do Programa Editorial
Campus da UnB, Acesso Sui
70910-900 Brasília-DF
Fone: (061) 347-8970. Fax.: 273-3233

REPRESENTANTES DAS EQUIPES DOS NÚCLEOS
REGIONAIS DE ENSINO NOS ENCONTROS DE ANÁLISE
DAS INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS

NRE da Área Metropolitana Norte

Darci Soares de Camargo

NRE de Apucarana

Leny Fernandes Zulim

NRE de Assis Chateaubriand

Rita Boritza

Vera Lúcia da Costa

NRE de Campo Mourão

Leonor Poliseii Scopei

NRE de Cascavel

Enedina Terezinha da Silva

NRE de Cianorte

Maria Luisa Lavagnoli Testa

NRE de Cornélio Procopio

Rosa Maria Santos

NRE de Curitiba

Lais Miqueloto

Marisa Ertlund Paulino

Neiva Vieira

Nelcí Maria Pedroni

NRE de Dois Vizinhos

Elizeth Tesseroli Miot

NRE de Foz do Iguaçu

Ivo José Dittrich

NRE de Francisco Beltrão

Gilmar Fiorese

NRE de Goioeré

Maria Estela Alvim

NRE de Guarapuava

Maria Leonilda Kruchinski

NRE de Irati

Bernardete Salamaia

NRE de Ivaiporã

Maria José de Sousa

NRE de Jacarezinho

Plínio Alves de Camargo

NRE de Londrina

Marlene Maria Raffo de Souza

NRE de Maringá

Regina Maria J Villela

NRE de Nova Londrina

Solange Terezinha Garcia Ravache

NRE de Paranavaí

Matilde Godoy de Oliveira Campos

NRE de Paranaguá

Maria Guilhermina da Luz Caetano

NRE de Pato Branco

Clemair T. R. Bertol

Josefina Rocha Krutsch

Maria Madalena Lazzaretti

NRE de Pitanga

Edison Luiz Perich

NRE de Ponta Grossa

Maria Luisa Nadal

Vilma Medeiros

Zélia Maria Lopes Marochi

NRE de Telemaco Borba

Maria de Lourdes Ramos

NRE de Toledo

Tânia Maria Kleckner

NRE de União da Vitória

Adalgisa de Almeida Braun

Maria Esteia Flenik

NRE de Wenceslau Braz

Laura Luz dos Santos

Sumário

Prefácio	9
Apresentação	13
Introdução	17
1. Gestão da Escola	21
2. Em Ciências...	27
3. Arte-Educação	39
4. Que História?	43
5. Em Geografia	47
6. Matemática no Cotidiano	53
7. Alfabetização	59
8. Em Educação Física	73
9. Magistério	77
10. Na Biologia...	81
11. Na Química	85
12. Em Língua Portuguesa...	87
13. Centros de Línguas Estrangeiras Modernas	97
14. Ensino Religioso Interconfessional?	101
15. O Início de um Processo	111
16. Em Síntese...	113
Referências Bibliográficas	115

Prefácio

Mudar para construir — a inovação como estratégia de desenvolvimento

Os sistemas educativos enfrentam um crucial quadro de desafios no presente/futuro. Muitos de seus elementos já se continuam nos que se apresentaram em passado recente e, de não terem sido exitosamente enfrentados, remanesceram com maior urgência. Outros decorrem exatamente do progresso educativo do pós-guerra em todo o mundo, mesmo nos países medianamente desenvolvidos e, ainda e especialmente, naqueles mais pobres. Neste momento, um ciclo histórico de desenvolvimento educativo se conclui, e o desafio global é o de bem iniciar um outro com os olhos nas profundas mudanças culturais havidas mundialmente neste final do século XX e nos prospectos abertos pelo alvorecer do XXI.

Já se debatia, em Williamsburg (EE UU), em 1967, numa Conferência Mundial da Unesco, o que então se chamou de "crise mundial da educação". Seu foco, em termos sintéticos, era o *desafio do crescimento*. Preocupava-a o fato de as populações a educar aumentarem

exponencialmente — e demandarem processos de ensino mais longos e complexos e, portanto, exigentes de recursos mais amplos e onerosos —, enquanto os meios para atendê-las vinham se incrementando em menor ritmo. Propunha-se, para dar-lhe conta, racionalizar a expansão educativa, otimizando o uso de meios e buscando explorar novas tecnologias e formas de organização para processar ensino em larga escala.

Pouco tempo depois, em 1972, divulgava-se o Relatório Faure, intitulado *Aprender a Ser*, destinado a iluminar as políticas educacionais dos anos 70/80, numa perspectiva ainda mais ampla do que a dessa Conferência. Dentre seus quatro postulados fundantes, deve ser destacado: que para uma democracia — assentada no direito de cada pessoa realizar-se plenamente e participar da construção de seu próprio destino —, é fator-chave uma educação "não só amplamente distribuída, senão repensada tanto em seu objeto como em sua gestão"; esta educação só pode ser "global e permanente", pois "já não se trata de adquirir, isoladamente, conhecimentos definitivos, senão de preparar-se para elaborar, ao longo da vida, um saber em constante evolução e de **aprender a ser**".

Quase vinte anos passados, a Conferência de Jomtien (Tailândia) de 1990 resgata e sintetiza estes dois desafios: propõe um vigoroso esforço mundial de **educação para todos**, lançando mão dos meios tradicionais e dos que emergem como de maior poder educativo e, também, de amplas e ativas alianças e parcerias entre os educadores e os mais variados atores sociais; e enfatiza o conceito de **educação básica** — a aquisição de competências cognitivas e sociais fundamentais cujo fulcro é a **capacidade de aprender a aprender** —, que, justa e substancialmente, identifica a qualidade mais essencial dos sistemas educativos: propiciar o **aprender a ser**.

À diferença, no entanto, de que nem se postula aqui uma gestão meramente "racionalizada" nem um simplista apelo à "incorporação de novas tecnologias", são condições dinamizadoras **gerir democrática e eficientemente** os sistemas educacionais — mediante a formação de responsabilidades coletivas pelas suas decisões, resultados pedagógicos e impactos socioculturais — e **inovar os modos de ser da educação**, fazendo-a flexível, múltipla, responsiva às mais diversificadas demandas societárias, inclusive pelo desatamento dos potenciais educativos contidos nos copiosos recursos de comunicação e processamento da informação e do saber recentemente desenvolvidos.

Cabe salientar, contudo, que as **mais eficazes** inovações derivam do potencial educativo do próprio ser humano — dos educadores por certo, mas em especial dos educandos. Potencial que se libera quando seus próprios valores e condutas suplantam o formalismo e a rotinização estéril dos regulamentos e programas verticalizados, e quando essas inovações se tornam contínuas e incrementais, mudando, de modo paulatino — e freqüentemente para melhor —, todo o sistema.

A iniciativa da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, de abrir espaço à manifestação dos seus professores sobre o que fazem e acreditam ser necessário para melhorar seu ofício, convalida esses postulados, de antes e de agora, e põe em prática a proposição do *Plano Decenal de Educação para Todos* de situar a escola como

"lugar privilegiado e autônomo de gestão e desenvolvimento da aprendizagem e da formação do cidadão, incentivandolhe a criatividade, a capacidade de inovação e de ajustamento cultural ao seu entorno social".

Urge, portanto, estimular e dar conseqüência a essa classe de iniciativa. Disseminar estas manifestações, socializá-las e amalgamá-las às de outros educadores — igualmente empenhados em alcançar novos padrões de qualidade e eqüidade da tarefa educativa — certamente será um passo decisivo para conferir ao sistema educativo brasileiro aquela virtude essencial, a de ser capaz de repensar-se a cada momento e mudar sempre e continuamente. Para construir-se, democraticamente, como instituição que eficientemente ajuda a forjar o indivíduo, o cidadão, o familiar, o trabalhador... enfim, o ser humano pleno.

Divonzir Arthur Gusso
Diretor-Geral do INEP

Apresentação

A Secretaria de Estado da Educação, após 30 meses de vigência das Diretrizes da Política Educacional do Governo Roberto Requião, denominada Educação para a Modernidade, apresenta *Inovando nas Escolas do Paraná*.

Trata-se de documento construído por dezenas de mãos sobre uma realidade edificada por milhares de outras mãos e de cabeças, naturalmente.

Não se trata de relatório de pesquisa, estruturada com os componentes acadêmicos de praxe e nem de tratado científico sobre inovação e mudança; trata-se mais de álbum de retratos falados de iniciativas pontuadas que se multiplicam como cogumelos nos campos após fecundados pelas chuvas benignas da primavera. Essa primavera na educação do Paraná nasce da convergência de inúmeros esforços feitos pelo governo, magistério, comunidade e opinião pública.

O que era apenas desejo três anos atrás é realidade nos dias de hoje.

Das 68 linhas-decálogo de campanha do PMDB ao governo do Paraná em 1990, três foram dedicadas aos componentes pedagógicos ligados à criatividade e à inovação.

Transcrevo da versão original da proposta de campanha:

"2.8. Reconhecimento ao trabalho realizado na escola, estimulando o desenvolvimento de experimentos educacionais, estudos e pesquisas nas diferentes áreas".

"4.3. Estímulo à adoção de métodos criativos e dinamizadores do processo de ensino e aprendizagem..."

Passados 30 meses de intenso esforço para implementar essas metas, são inúmeros os sinais de progresso ocorrente no campo da inovação pedagógica. Talvez milhares de linhas já seriam necessárias para registrar os fatos que pontuam e cintilam como constelação de pequenas luzes que fazem a aurora de nova estação para a educação no Paraná.

O Sol ainda não surgiu, mas está anunciado.

É possível afirmar, com otimismo e esperança, que passou a noite da inércia, da omissão, da alienação e da indiferença.

Milhares de educadores do Paraná estão trabalhando com mais ousadia e criatividade. Para engrossar esse mutirão, não é necessário pedir licença à Secretaria de Estado da Educação ou provar-se versátil nas teorias sobre a educação.

Todos, sem exceção, podem fazê-lo; basta que tenham uma boa idéia na cabeça e uma decisão no peito e desejem construir a praxis pedagógica, articulando ação e reflexão num incessante crescimento.

Nesse processo, não há pontos de chegadas; sempre se está saindo. Uns caminham mais rápidos e ousam mais; outros são mais lentos e confiam menos. Mas todos podem se intercomplementar.

A educação é uma ação solidária. A troca e a reciprocidade constituem sua essência. Cada um comunica o que sabe; ao comunicar-se, enriquece enriquecendo-se.

Inovando nas Escolas do Paraná apresenta o resultado do resgate desse poder oculto do professor. É necessário entender que o magistério tem dentro de si, talvez sufocadas, ou ainda não desabrochadas, expectativa e capacidade de melhorar o ensino maiores do que a burocracia consegue captar.

"Que mil flores floresçam e mil talentos desabrochem (Lao Tse), tal é a medida das inovações.

Não podemos ainda afirmar que se trata de mudanças promovidas por decisões e propósitos estruturados, mas de movimentos incipientes, muitos espontâneos, todos singelos, mas autênticos. Diríamos, é um começo promissor.

Nos seminários de troca de experiências, foi possível constatar o quanto é significativo para um(a) professor(a) poder contar a outros a sua pequena história. É a passagem da condição do homem-massa para a de sujeito histórico; é a reflexão coletiva enredando a prática fragmentária quando feita isoladamente; é a escola pública tornando-se cidadã pelo trabalho persistente dos educadores.

Ao tomar públicas as inovações educacionais ocorrentes nas escolas do Paraná, a Secretaria de Estado da Educação deseja celebrar o

poder criador dos educadores e homenageá-los como herdeiros da tradição de luta e de resistência em favor do ensino público de qualidade e aclamá-los como artífices da escola cidadã que vai sendo construída no cotidiano da ação de cada um.

Antônio João Manno
Superintendente de Educação da SEED/PR

Introdução

A escola é o local privilegiado para se aprender a viver e a conviver com êxito. Local onde as crianças e os jovens percebem-se como seres capazes de construir seu futuro de modo consciente, solidário e feliz. Local do "saber, saber ser e do saber fazer pedagógico". Ali, pessoas se apoderam do existente e o transformam, recriando-o. E nesse recriar acabam se autoconstruindo.

O saber experienciado dos adultos torna-se meio que encurta caminhos. Nesse que-fazer- escolar, interessa a travessia e interessa criar, inovar, imaginando onde se quer chegar.

Através dos Núcleos Regionais de Educação, foi garimpado nas escolas o que se crê ser novo. Isso tudo reunido, sem representar a totalidade do que acontece, está aqui para ser lido, compreendido, criticado, apoiado, incorporado e acrescido.

O simples parar e fotografar, nesta história da educação do Paraná, já representa novidade; afinal, história só é história quando registrada.

Desse novo, que para alguns pode ser familiar, para outros utópico, surgirá, por certo, a coragem de relatar o outro novo que você, leitor, conhece, mas que seu companheiro ainda não viu.

Quem sabe, num próximo passo não distante desse, você fará ver, talvez, as mesmas coisas, com outras cores. O desafio está em suas mãos.

E o novo detectado se apresenta nas escolas da rede estadual de ensino do Paraná, por amostra, de inúmeras formas.

Numa sala do Centro de Treinamento do Magistério do Paraná — CETEPAR, sob nossa coordenação, cinco professores receberam o material sobre inovações coletado das escolas pelos Núcleos Regionais de Educação.

Na verdade, pudemos ler e estudar quase mil experiências devidamente documentadas.

Tarefa? — Atender ao desafio da Superintendência de, a partir de todos estes relatos, produzir um texto no qual esta riqueza pudesse estar presente.

O texto inicial foi datilografado e remetido ao professor Moacir Gadotti, que fez as observações relevantes para a consecução do projeto. Retomado pela equipe redatora, esta concluiu o trabalho conforme ora se apresenta. O conteúdo é exatamente o proposto pelas escolas estaduais do Paraná. Representantes dos Núcleos Regionais de Educação reuniram-se duas vezes para analisar esta síntese.

Nestas palavras de apresentação, cremos que a poesia que se segue retrata a autoria coletiva do trabalho que se ora se realiza:

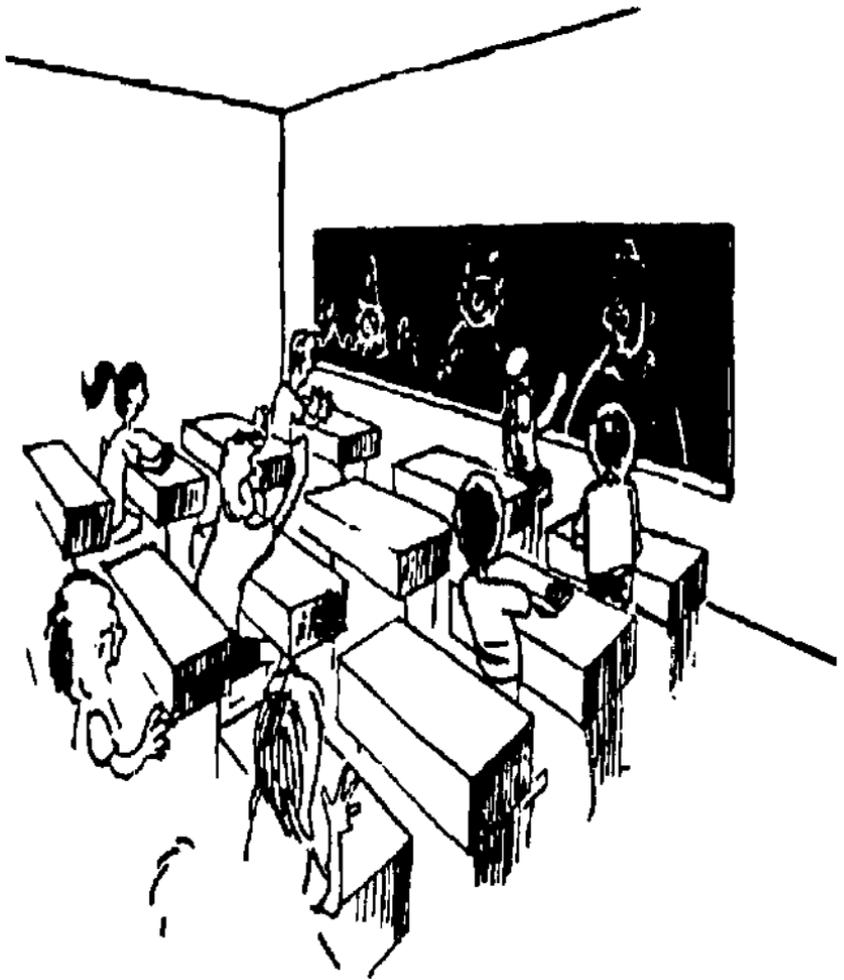
Tecendo a Manhã

João Cabral de Melo Neto

*Um galo sozinho não tece uma manhã;
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

Carlos Alberto Rodrigues Alves
Chefe do DEPG

Claudino Gentile Ortigara
CETEPAR



1. Gestão da Escola

*"Se queres ser universal,
começa na tua própria aldeia."*
Dostoïevski

Darci, do NRE da Área Metropolitana Norte, coloca este conceito de inovação: "É mudança de rumo, é reelaborar o que passou, tirar partido, construir o novo. Há ruptura com algo que, por experiência, já se desgastou." E, conseqüentemente, baseia-se na crítica ao passado. Desinstalar-se nem sempre é tarefa fácil. É preciso acreditar, fortalecer-se na imaginação, sem deixar-se intimidar pelo desconhecido e partir na busca contínua do novo. O que acontece nas escolas? Em termos de gestão democrática, neste contexto, há vários relatos.

uma diretora, quando eleita, partiu do contato com cada professor. "O potencial humano começou a aflorar." Muitos contatos, pequenas reuniões se sucederam. O que estava sendo feito foi se socializando. Perceberam os professores que vários feitos de expressão passavam despercebidos e eram registrados somente pelo professor e por seus alunos, sem nenhuma outra repercussão, e com isso muita coisa ia desaparecendo, inclusive o ânimo de inovar. O problema era o de valorizar a educação oferecida pelo colégio. O *slogan*: Esta escola tem valor.

Daí para levantar os recursos materiais, o que poderia ser aproveitado, foi tarefa fácil demais. Que material? Viu-se ali um microcomputador da linha PC/XT, winchester com 30MB, incluindo 409 arquivos, uma impressora racimec, cinco microcomputadores M 5X, cinco TV/monitores de vídeo, um drive, um gravador, um vídeo, gabinete odontológico, máquinas de costura, marcenaria, biblioteca, pastas com produção de material didático realizado pelos professores.

Da escola, olharam para a comunidade: o que ela pode oferecer e o que espera da escola. Nesse ínterim, surgiu a proposta do Projeto Pedagógico da Escola—"A Escola Cidadã". Nasceu a idéia de ativar o Conselho Escolar, onde os pais vêm aprender e ensinar. O Grêmio Estudantil precisava de um hidrante. Viram a necessidade de adquirir mais livros técnicos e didáticos. E os adquiriram.

Em síntese, propõem-se, na escola,

- a) reativar trabalhos desativados;
- b) criar e implementar projetos significativos;
- c) informatizar a escola;
- d) construir a escola desejada.

Diz a diretora: "A escola, premida pelo interesse de seu corpo docente, técnico e administrativo, volta-se para o novo. Nova é a intervenção no existente, buscando resultados tidos como educativos pelos professores, pais e alunos.

"Criado o espírito de coletividade, tudo flui mais facilmente. E tudo está adquirindo seiva nova: é a informatização da biblioteca, são as artes cênicas, a pintura, a cerâmica, a criação da microempresa na

escola, a criação de jogos educacionais, tentativa de um trabalho interdisciplinar, as salas de aula se renovando."

O que há de novo?

O novo é que todos se sentem autores do que realizam, vendo seu trabalho valorizado por todos, na escola e na comunidade.

Esta é a tônica das escolas a partir do Projeto Pedagógico da Escola, assim como sugere o documento *A Escola Cidadã*.

Um outro dado inovador nas escolas é o da aproximação das escolas estaduais com as municipais. Muitas escolas de 1ª a 4ª séries pertenciam à rede estadual. com a municipalização do ensino, em inúmeras cidades continua existindo uma ação coletiva, um único Conselho Escolar. Professores estaduais dirigem escolas municipais. Em outras cidades, há a mesma direção para escolas estaduais e municipais; a mesma biblioteca e a mesma videoteca são utilizadas pelos professores e alunos de todas as redes de ensino.

O novo está na abertura da escola. Não se trata apenas da minha escola, da minha biblioteca, do meu feudo incomunicável. Aparece uma nova preocupação: a educação para a cidadania. E para se firmar como força geradora de mudança, a escola busca o envolvimento de todos, quer dentro, quer fora da própria escola.

Um exemplo do que acontece dentro da escola?

Os alunos participam do Conselho de Classe. A iniciativa veio dos próprios alunos. O questionamento recaiu sobre os próprios professores: "os alunos teriam maturidade para participar de um Conselho de

Classe?" — perguntavam-se alguns. No decorrer do processo ficou evidente que os professores também deveriam ter uma alta dose de maturidade, pois o seu trabalho passou a ser questionado.

Através do Conselho de Classe, as práticas diárias passaram a ser alteradas. com o tempo, aumentou também o número de alunos participantes do Conselho. A expectativa é a de que o Conselho de Classe possa ser constituído por todos os alunos e professores de cada turma.

Um outro exemplo de participação que tem ocorrido na escola: um orientador educacional, tendo o apoio da cooperativa local e de toda a escola, dinamizou a Cooperativa Escolar, conseguindo manter cursos gratuitos para os alunos — violão, tricô, desenho, datilografia, pintura, ginástica, croche, kung-fu. Além dos cursos, promove palestras sobre adolescência, drogas, educação sexual, alimentação alternativa e outras do interesse dos alunos e da comunidade.

"No momento em que surge a discussão coletiva, tudo aflora. Idéias aparecem, projetos se concretizam, problemas são resolvidos. A preocupação envolve a todos. Uns apoiam os outros. Até o espaço físico passa a ser repensado" — diz a diretora de uma escola de 1º grau. Lá, 100 vagas no curso diurno surgiram do acordo entre professores de Ciências, que passaram a dar aulas em rodízio no laboratório. Outros alunos, nesse ínterim, se alternam com os que fazem Educação Física. Tudo somado, na mesma casa, 100 alunos acabam tendo vaga sem necessidade de construir nova escola. "E ninguém com isso se sente prejudicado", conclui a diretora, afirmando que "com apenas a montagem racional do horário, a escola tem condições de ampliar a sua oferta de vagas em até 240 horas, se fizer uso de duas turmas a mais por turno".

Como se ve, via gestão democrática, há mudanças internas na escola visando à qualidade de ensino. Por outra, as repercussões da escola na comunidade se fazem sentir com a mesma intensidade. Os pais são procurados pela escola por questões pedagógicas e não apenas por interesse financeiro ou disciplinar. Vêm à escola para debater com os professores a questão educativa. E os temas desfilam: os pais e a formação acadêmica dos filhos, o acompanhamento do estudo destes, o relacionamento humano, a economia, o futuro, a família, a honestidade, a justiça, a religião. Vê-se, no caso, a escola se transformando em pólo catalizador da comunidade. Vê-se, também, o que é mais importante, a escola e a comunidade trabalhando e sendo trabalhadas em direção da construção da cidadania plena.



2. Em Ciências...

*"Especialistas em espíritos,
sensualistas sem coração.
Esta nulidade imagina haver atingido
um nível de civilização nunca dantes alcançado."
Max Weber*

O meu corpo

Houve época em que os alunos eram orientados para elaborarem sua monografia de modo impessoal, não aparecendo jamais o pronome eu. Assim, o estudo se apresentava com fachada neutra, objetiva. Nada de subjetivo no objetivo da produção acadêmica.

Nesta mesma linha, determinados professores, ao entrarem em sala de aula, revestiam-se de uma máscara: a de serem professores que falam de modo impessoal, que eliminam tudo o que aparenta ser subjetivo. Daí, o manter uma linguagem impessoal, sem criar laços com os alunos. Nesta mesma linha, como se fosse possível a neutralidade em ciências, mesmo no primeiro grau, havia professores que estudavam com os alunos o corpo humano. Mas falavam do corpo como se ali todos fossem etéreos, meros espíritos sem corpo. E a linguagem era: "o corpo humano é formado por..."; "o sistema respiratório, o sistema circulatório, o sistema reprodutivo e tal são compostos por...". E os alunos estudavam o corpo humano que não lhes pertencia.

Para superar este saber impessoal ou despersonalizado é que, em várias escolas, surgiu a preocupação com o envolvimento, a motivação dos alunos no conhecimento do próprio corpo.

Como se dá este trabalho?

Tudo inicia com o prazer de falar de si mesmo. Nesta fala os alunos vão reconhecendo a própria organização biológica, promovendo a articulação dos diferentes órgãos e aparelhos do corpo humano" — diz um professor.

Da fala, parte-se para a pesquisa bibliográfica. Da pesquisa bibliográfica, vem a análise de fitas de vídeo. Do vídeo, surge o trabalho em grupo, o debate, as entrevistas. Os tabus e preconceitos vão sendo analisados. As informações, sistematizadas. A sistematização concretiza-se em álbum ilustrado com fotos, recortes, desenhos e dados da vida dos alunos. Neste trabalho a vida de cada aluno acaba sendo o centro do estudo. O corpo não é mais visto como algo estranho: "Eu tenho um corpo. Eu sou um todo visibilizado pelo meu corpo. E meu corpo possui laços. Veio de uma família, pertence a uma comunidade. Vive e se relaciona num determinado espaço, numa determinada época histórica."

E esse viver tem sabor de quê?

E aqui continua o estudo para além do corpo humano.

O que há de novo em tudo isso?

Os próprios alunos acabam sendo objeto do seu próprio conhecimento. "O corpo humano" é o *meu* corpo. E não algo estranho a mim mesmo.

Existe aqui a preocupação com a personalização do conhecimento. O conhecimento passa a ser algo experienciado, vivido pelos próprios alunos, que vão se conhecendo melhor e melhor se situando no tempo e no espaço como cidadãos conscientes de si mesmos e senhores de suas decisões.

Miniecossistemas

Numa escola, intensificaram a pesquisa de campo e de laboratório com vegetais e pequenos insetos. Foram montados pelos alunos interessados, sob orientação do professor, em ambientes fechados (miniecossistemas), para verificação da auto-suficiência das plantas e adaptação dos insetos. Neste trabalho, os alunos conseguem visualizar a integração e adaptação vegetal-animal.

com plantas aquáticas, criaram ambiente adequado para o crescimento de elódeas e constatação da liberação do oxigênio durante a fotossíntese. Ainda, cultivo de plantas aquáticas para estudo dos vegetais e formação de raízes, bem como de briófitas e pteridófitas em ambiente fechado.

Na mesma escola, pais de alunos cederam larvas para cultivo e criação de casulos, possibilitando o estudo da metamorfose do bicho-da-seda.

com o desenvolvimento das aulas práticas no desenrolar do bimestre, constatou-se a melhoria na assimilação dos conteúdos teóricos do ensino de Ciências.

Cresce o número de participantes nas aulas, bem como o interesse pelos vegetais e insetos que encontram em casa ou arredores.

Na Astronomia

"Apesar de possuímos somente binóculo, bússola, vídeo e um telescópio, o interesse por parte dos educandos tem superado as expectativas. O número de alunos que freqüentam estas atividades é grande. Nas atividades de observação e identificação de constelações e astros, os nossos alunos têm demonstrado muito bom aproveitamento, buscando ainda subsídios em livros e revistas, como *Superinteressante*, *Globo Ciência*, o jornal *Gazeta do Povo*... O interesse é tal que nos trazem recortes dos jornais com o mapa das constelações que saem mensalmente" — comenta um professor.

Nas atividades com binóculos e telescópio, a curiosidade é tanta que não só os alunos participam, mas também pais e membros da comunidade.

O que há de novo?

Um grande número de alunos já notam as mudanças na posição das constelações no decorrer do ano e o surgimento de outras constelações em horários diferentes. Exemplos: a constelação do Escorpião, fases da Lua, mudanças na posição do planeta Júpiter em relação à Terra.

com o uso da bússola, os alunos demonstram ter adquirido noções básicas de orientação, como o uso de referenciais: Sol, Lua, Cruzeiro do Sul.

Na busca de uma nova abordagem no ensino, os professores optaram pela elaboração de miniprojetos, esperando oferecer uma oportunidade de renovação nas atividades desenvolvidas através de um trabalho interdisciplinar, quando propõem:

- construção e manutenção de canteiros de plantas medicinais;
- construção e manutenção da estufa;
- instalação do miniposto meteorológico;
- conscientização ecológica e o destino do lixo;
- construção e manutenção de biodigestor e composteiras;
- alimentação alternativa;
- reciclagem de papel;
- rádio-jornal escolar;
- sala ambiente-cultural: grupos folclóricos, grupos teatrais, coral, exposições;
- carta ao agricultor (ver exemplo na página seguinte). Neste miniprojeto, os alunos seguem esses passos:
 - comentário sobre um tema. Exemplo: erosão
 - leitura de textos (livro, revista, jornal)
 - debate em classe, clareando o problema
 - redação de cartas a agricultores
 - envio das cartas, solicitante resposta
 - análise das cartas recebidas
 - que fazer?

O que há de novo nesta proposta?

- Desenvolve a consciência dos problemas reais existentes na região.
- Oportuniza o desenvolvimento da comunicação escrita.
- A escola abre espaço para a criança intervir na realidade local, provocando a transformação do meio.
- Há valorização do agricultor e aproximação da escola com a comunidade.

Um exemplo de carta

Santa Fé, _____ de _____ de 19 _____

Senhor agricultor,

Nós, da Escola Cecília Meireles, queremos deixar um recado pra todos os agricultores; este recado trata da erosão.

A erosão provoca muitos buracos e valetas no solo, através da chuva, do vento, dos rios, mares...

Por isso, o homem não deve cortar árvores e nem destruir florestas, que são elas que nos ajudam na proteção do solo contra a erosão.

E também fazendo curvas de níveis combate a erosão.

As curvas de níveis apresentam vantagens que são:

- diminuem a força das enxurradas, evitando a erosão;
- aumentam a umidade do solo, por impedir a descida rápida da água;
- aumentam a produção da lavoura, pois as substâncias nutritivas não são arrastadas pela água.

O homem destrói a natureza para dar lugar a cidades, estradas, pastagens, só que facilita a erosão.

Outra forma de colaborar para a destruição do solo é o plantio feito de modo inadequado; o lavrador usa processos superados que acabam favorecendo a erosão.

Contando com sua atenção, solicitamos seu parecer sobre esse assunto que agora estamos estudando.

Nossos agradecimentos

Célia e Aline

Escargot na Escola?

A criação de escargot num colégio estadual partiu da iniciativa dos próprios alunos. A primeira matriz foi doada por um aluno. No decorrer de um ano, chegaram os alunos a obter 64 matrizes. O objetivo restringia-se ao estudo de Ciências. com o passar do tempo, surgiu o interesse comercial, decorrente sobretudo da facilidade de manutenção, rápida reprodutividade e simplicidade de criação desses moluscos.

O viveiro consiste em caixas de madeira, com uma tampa de tela. A limpeza é feita diariamente com ajuda dos alunos que, mesmo durante as férias, dão assistência aos mesmo.

Nas duas primeiras semanas de vida, o escargot não acerta ração; alimenta-se apenas de folhas verdes, como couve e alface, polpa de algumas frutas, chuchu e cenoura, recolhidos da própria horta do colégio.

Depois da segunda semana de vida, já pode ser dada a ração em pequenas doses, que consiste de farinha de ostra e ração para pintinhos.

"O escargot em nosso colégio é uma fonte de renda e uma atividade educativa. Já comercializamos com restaurantes de nossa cidade e, com este dinheiro, estamos aumentando nossa criação e respaldando as técnicas desenvolvidas em nosso colégio" — diz um aluno interessado.

E o Clube de Ciências?

Acontece na maioria das escolas. Em União da Vitória, especificamente, onde se realizou o III Encontro Nacional de Clubes de

Ciências, o trabalho vem sendo realizado através:

- do envolvimento dos alunos de 1º, 2º e 3º graus;
 - » de minicursos sobre microscopia básica, plantas tóxicas e medicinais, fungos, pequenos seres vivos, ofídios, aracnídeos, esqueleto humano, água, ar, solo, rochas e outros.

O Clube de Ciências desperta no estudante o gosto pelas ciências da natureza. Muitos alunos, devido à participação nas atividades do Clube de Ciências, ingressam em cursos universitários nesta área.

Inúmeras escolas paranaenses realizam as feiras de ciências, envolvendo alunos, professores, a escola e a própria comunidade. Nessas feiras, realiza-se um forte intercâmbio cultural entre as escolas da cidade e da região. Além do conhecimento que se amplia nos alunos, há um outro valor significativo: a socialização. Os alunos passam dias na escola, preparando o encontro e repartindo preocupações. No decorrer do evento, há oportunidade de dialogar com os pais e visitantes, demonstrando seus conhecimentos e formando uma auto-imagem positiva.

Tornam-se as feiras de ciências culminâncias de toda uma série de atividades babares. Se os jogos estudantis viabilizam a socialização dos alunos, as feiras de ciências, além de permitirem a convivência entre alunos, possibilitam a integração da teoria e da prática, através de experimentos realizados, e sobretudo a socialização do saber.

O que é apresentado nestas feiras?

Uns exemplos:

- simulador de um eclipse;
- coleção de pedras da região;

- coleção de insetos;
- demonstração com microscópio;
- fabricação de papel reciclado;
- montagem de esqueletos;
- construção de cosmorama;
- minisserrarias, bateadeira, livro eletrônico;
- demonstração de vulcão em erupção;
- fabricação de pólvora;
- demonstração da importância da vegetação;
- problemas de erosão;
- maquete de cavernas;
- maquete da cidade, da região;
- chocadeira elétrica;
- enlatados e seus problemas;
- energia solar em fogões, secadoras;
- desenhos ecológicos nos muros escolares;
- uso de material alternativo para trabalhos escolares;
- réplicas;
- uso de plantas medicinais;
- relatórios de atividades como: reflorestamento da cidade, execução de projetos realizados por alunos e que beneficiam a comunidade (coleta de lixo, despoluição de rios, saneamento).

Destaque merecido para o Centro de Criatividade da Cidade Gaúcha, que representou o Estado por três anos consecutivos na mostra 1 nacional da Ciranda da Ciência que acontece em São Paulo. Ali, atividades interdisciplinares se concretizam, atendendo aos alunos de várias escolas e viabilizando a descoberta do novo, já divulgado em inúmeros estados brasileiros.

A partir destas atividades, intensifica-se a preocupação com o ensino de Ciências, havendo nas escolas um trabalho de reestruturação dos conteúdos.

Esta reestruturação é realizada tendo por base uma nova concepção de ciências.

"Há um eixo central que é o estudo da relação 'homem-natureza', procurando entender como se dá essa relação no processo de desenvolvimento das várias formas de trabalho — entendendo-o como mediador dessa relação — e buscando a compreensão de que os conteúdos tratados são históricos. Portanto, tais conteúdos e suas abordagens modificam-se, são questionáveis e produtos da relação homem-natureza."

Falando sobre inovações em Ciências

Elas chegaram na alfabetização.

A implantação do Ciclo Básico de Alfabetização propiciou ao grupo de professores que assumiu a proposta um terreno fértil para mudar sua prática nas quatro primeiras séries do 1- grau. uma delas merece destaque.

Lendo o mundo

Em uma escola de periferia, uma professora levou para a sala de aula duas mudas de uma mesma samambaia recém-plantada. Depois de levantar com a turma as condições para o desenvolvimento da planta (terra, sol e água), colocou os dois vasos próximos, em lugar

estratégico banhado pelo sol da manhã. Convidou então os alunos a fazerem uma pesquisa: durante um mês dariam água a um dos vasos e álcool ao outro. Semanalmente observariam os vasos e, após o estudo da situação, far-se-ia o registro.

Ao longo do mês, com grande interesse, puderam observar o desenvolvimento de uma plantinha e o aniquilamento da outra. Procedeu-se então à leitura do relatório elaborado, que levou ao estudo de temas como:

- condições de vida para o vegetal;
- efeitos do álcool no organismo.

Depois de longa conversa, onde não faltaram relatos de outras experiências vividas pelos alunos, estes foram convidados a recuperar a planta doente que, segundo eles, em estado tão grave, merecia "atendimento em UTI". Trocou-se a terra, passou-se a molhar o vaso com água, e a observação e o relato escrito continuaram; desintoxicada, a planta tornou-se a mascote da turma. Por ocasião do dia dos pais, que estava próximo, muitos foram os alunos que, ao confeccionar o cartão para o pai, fizeram alusão aos malefícios do álcool.

Esta atividade gerou algumas mudanças constatadas pela professora e pela escola:

- o caderno utilizado para o relato passou a ser visto como um diário, onde se começou a registrar diariamente os fatos vividos pela turma;
- cada aluno, ao ser incumbido de fazer o registro diário, socializava suas dúvidas, o que possibilitava o estudo do idioma materno numa situação real de uso, permitindo à professora a abordagem dos conteúdos num clima de interesse e aproveitamento;

- a observação constante dos fenômenos passou a ser uma prática corriqueira, ponto de partida para a síntese (registro e aprofundamento dos conteúdos nas diversas áreas de atividade);
- * hoje essa escola produz um jornal bimestral, para o qual a professora que coordena o processo de organização e montagem não tem trabalho algum para obter verbas com vista à impressão. As empresas disputam os espaços de publicidade.

3. Arte-Educação

*'Borboleta,
asas contra o vidro:
inútil...
mas continuam
testemunho de uma visão:
há todo um mundo do outro lado...'*

A educação artística expressa uma determinada visão de pessoa e de realidade. Existem formas e formas de arte. Há a plástica, a teatral, a musical. Através dela a pessoa exterioriza-se, se conhece, dá-se a conhecer, socializa-se, faz história: a história da arte.

Os relatos apresentados contam o que segue

Teatro: possibilita a criatividade, a superação do medo, da inibição. No momento de interferir, de decidir-se em situações reais, a pessoa seja capaz de expressar-se, de julgar e atuar de modo consciente, crítico" — diz um professor.

Assim, o teatro, a música, a plástica vão adquirindo cada vez mais espaço na escola. A convivência, cada vez mais intensa, baseada em relações de igualdade e não de poder, vai permitindo, ou melhor, facilitando todas as formas de expressão. A arte tende a ter cada vez mais oportunidade de acontecer.

É o pátio transformado em momento de recreio cultural. É o palco e o ateliê sendo cada vez mais utilizados. Ali no pátio sabe-se o **que**

acontece na comunidade: é o convite para a festa, para o passeio, para a dança, para o show. É o cartaz anunciando a feira, é o jornal da cidade, o jornal mural, o anúncio da aquisição de um livro novo, de uma reportagem na revista que chegou.

No pátio está a amostra do produzido na sala de aula; ali estão o livro e a revista produzidos pelos alunos. Mais adiante estão expostos os desenhos, as poesias, a pesquisa realizada em grupos. Bem à vista está o convite para ver o filme, o vídeo... Na medida em que a convivência cresce em torno da cultura, os grupos vão se formando a partir de trabalhos apresentados na sala de aula. O interesse desperta talentos, a tal ponto que um grupo de alunos passou a escrever uma peça teatral.

O professor de Português acaba se envolvendo; o de Ciências também. A direção apoia. Os coordenadores entram em ação. A escola se anima em torno do que não acontecia. E a peça "Pau-de-Arara", de autoria do aluno Gerson de Paula, foi filmada e está servindo de subsídio para outras matérias por abordar o problema da seca, dos preconceitos, da luta do homem para sobreviver na cidade e outras técnicas de cunho social.

O teatro toma-se, neste caso, meio de intercâmbio entre as escolas.

O teatro não é só a apresentação. Há toda uma série de momentos educativos que antecedem a apresentação: a leitura, a descoberta da temática, a produção, a distribuição de papéis, a convivência nos ensaios, a divulgação, a crítica, a auto-imagem que se constrói no grupo. E o amor à arte, à escola e à vida que vai crescendo. Todas essas vivências se concretizam através de conteúdos sistematizados com o personagem, história e espaço cênico.

Dizem os alunos: "Bem que deveríamos ter um profissional nos orientando na dramaturgia, mas, como isso é inviável, partimos para a montagem de uma minibiblioteca, para a descoberta de local adequado, para criar, ali, uma oficina teatral. Interessam-nos livros, revistas, roupas, fantasias, perucas." Na prática, nesta escola, estão saindo do empirismo. Determinaram-se os alunos pela programação e execução de cursos que permitam melhor compreender este universo artístico.

O novo?

Professores envolvem-se em atividades originadas dos próprios alunos. O intercâmbio entre escolas acontece.

O teatro infantil embrenha-se no mundo do fantoche. O dos adultos enfoca o caráter político, social, econômico, cultural. As expressões são as mais variadas: drama, comédia, terror, romantismo, realismo, sátira. Tudo é organizado pelos próprios alunos. A coordenação está com o professor de Educação Física. De 1^ª à 4^ª série, a própria regente de classe dinamiza estas atividades.

Do teatro os professores partem para festivais, para atividades folclóricas, para gincanas culturais, palestras educativas, revisão do próprio conteúdo trabalhado em classe. Tudo é bem planejado, de acordo com a disponibilidade de todos. Importa destacar que há consciência de que a escola não é parque de simples lazer. E, sim, local privilegiado para se aprender a bem viver e a conviver de modo consciente, crítico. A apropriação do conhecimento vai revelando, inclusive, possibilidades e habilidades até então desconhecidas: descobrem o que é ser autor, produtor, diretor, sonoplasta, cantor. A experiência de trabalho em grupo se desenvolve mais. Descubrem a

força da motivação para o trabalho. E o que chama a atenção, de modo especial, é "o gosto e o prazer em freqüentar a escola".

Na verdade, quem gosta de escola onde o que se faz parece isopor, sem gosto, insosso?

4. Que História?

*"...E quem garante que a história
é carroça abandonada numa beira de estrada
ou numa estação inglória...
A história é um carro alegre
cheio de gente contente
que atropela indiferente
todo aquele que a negue...'
Chico Buarque/Milton Nascimento*

Noite de história. Que história? Que noite?

Os alunos pesquisam músicas que apresentam em suas letras problemas ou valores atuais: guerras, perseguições, injustiças sociais, racismo, marginalização, liberdade, sucesso, solidariedade. Analisam as letras e aprendem as músicas. O trabalho em que se envolvem professores e alunos é interdisciplinar. Dos problemas analisados partem para a síntese.

A noitada cultural é um dos meios de divulgar o que foi estudado. Os pais, de modo lúdico e artístico, acabam se envolvendo ao menos com parte do que os filhos realizam na escola. Ali os pais vêm aprender e refletir com os filhos o que afeta a todos.

Cada número apresentado é situado no tempo e no espaço, utilizando a linguagem da época, o contexto sócio-econômico-político no qual o evento ocorreu.

O hoje acaba sendo espelhado através dos eventos históricos apresentados via músicas, comentários, e reflexão proposta dos debates que se seguem à apresentação.

Um exemplo de noitada?

Veja o roteiro que se segue:

- Abertura: encenação da Primeira Missa no Brasil — curto ecumênico.
- Justificativa do evento pela professora responsável.
- Disciplina de Educação Física: filmagens e flashes sobre o histórico das Olimpíadas; flashes dos Jogos Escolares.
- Disciplinas de Português, Ciências, Matemática e Geografia: evolução histórica do homem, da matemática e da escrita.
- Música de Dom e Ravel, "Você também é responsável" — alunos do 1º grau.
- Música de Raul Seixas, "Eu nasci há 10 mil anos atrás" — alunos do 2º grau.
- Dramatização: "O comércio de escravos" — alunos de um distrito vizinho.
- Música "Raça Negra" — alunos do 2º grau.
- Disciplina de Geografia: músicas "Os meninos do Brasil", "As baleias", "Balada da caridade" e "Planeta azul" — alunos do 1º grau.
- Disciplina de Educação Artística: danças folclóricas.
- Disciplina de Português: adaptação de partes do poema "Navio negreiro" — alunos do 2º grau.
- Monólogo: rimas de Torquato Tasso (adaptação) — alunos de 1º e 2º graus.
- Dramatização: trechos de "Romeu e Julieta", de Shakespeare — alunos do 2º grau.
- Músicas contendo fatos históricos:
 - Saudosa maloca;
 - **O cidadão**;
 - Pra não dizer que não falei de flores

- Soy loco por ti América;
 - Rosa de Hiroshima;
 - Era um garoto que como eu;
 - Saco de dinheiro.
- Disciplina de Inglês: música "Imagine", de John Lennon.
 - Encerramento: apresentação da "Cara do Brasil" (encenação de tôdas as classes sociais e cartazes com palavras-chave).
 - Música "Cantemos juntos", de Dom e Ravel, envolvendo todos os presentes.

Observação: todas as músicas são dramatizadas.

A sistematização do conhecimento efetivado em sala de aula, com o professor, o trabalho de pesquisa, individual e em grupo, têm um destino mais amplo que o de simples devolver ao professor o que foi produzido. As formas de tornar público o que se aprendeu favorecem a motivação e o gosto de construir o próprio conhecimento.

O que há de novo é a busca de quem valorize o conhecimento para além do próprio professor.



5. Em Geografia

*V verdadeiro ato da descoberta
não consiste em encontrar novas terras,
mas sim em vê-las com novos olhos.'*

Marcel Proust

uma tentativa de inovar nesta disciplina ocorreu num projeto que integra escolas dos três graus de ensino. Tentam, basicamente, analisar de modo crítico o espaço da escola e da região. Da análise partem para a ação, porque intenção sem ação é ilusão.

A parceria de alunos universitários com professores de 1° e 2° graus gera a oportunidade de socializar a vivência dos problemas profissionais dos professores.

Teoria e prática se interligam. A teoria aparece imersa na prática. A preocupação está na fuga da entropia, do ensimesmar-se, como acontece com muitos projetos.

Na prática, o que acontece?

- Levantam os recursos didáticos disponíveis e elaboram tantos outros, como mapas e maquetes.
- Analisam a bibliografia existente.

- Promovem eventos, como excursões, reuniões, mesas-redondas, simpósios, comparando dados da região com os de outras regiões, de outros países ou continentes.
- Especificam atividades, no sentido de resolver problemas detectados.
- Divulgam o trabalho na escola e na região. A escola torna-se agente de reflexão e de ação na mudança do espaço em que vivem.
- Assim, criam-se centros de estudos de Geografia. Nestes centros dá-se o envolvimento de professores e alunos de 1º, 2º graus e da universidade local.

O novo?

O novo está na ação que integra alunos e professores dos três graus e ensino.

A parceria elimina as relações de poder classista: professor-aluno.

O valor do trabalho está no programar, executar e avaliar o trabalho escolar envolvendo professores e alunos. A escola apresenta-se como escola cidadã, deixando de ser gueto na comunidade.

Um exemplo

Os alunos partem para:

- Montagem de um vídeo ilustrado: do município, do Paraná, do Brasil, do mundo.
- Visitas a indústrias, comparando o grau de desenvolvimento (tecnologia empregada) e observação da divisão do trabalho

para posterior análise do que foi observado (Rigesa, Incepa, Petrobrás, Usina Hidrelétrica de Foz do Areia).

- Confecção de maquetes, destacando a população, a indústria, o trabalho (hidrelétricas, exploração do petróleo, do xisto, do álcool, do carvão mineral, das microbacias, da agropecuária, da hidrografia, da vegetação). Destacar o que se quer analisar com os alunos.

Outra atividade inovadora é a que segue:

- Apresentação geral sobre o Continente Americano, pelo professor.
- Após a apresentação, os alunos escolhem dez países, de acordo com o interesse da turma, para pesquisar.
- Formadas as equipes, faz-se o sorteio do país que a equipe pesquisará, abrangendo: histórico, fotos, entrevistas, cartazes, moedas, selos, símbolos, religião, idioma e mapa.
- Concluída a pesquisa, faz-se a exposição dos trabalhos em uma sala, onde as equipes os apresentarão à comunidade escolar.

Numa outra escola, o trabalho humano é discutido com as crianças através da observação do bairro, vendo nele as transformações ocorridas a partir do processo de industrialização.

O trabalho desenvolveu-se, concretamente, da seguinte forma:

- Na primeira etapa, o trabalho foi dividido em dois momentos: confecção da planta do bairro e levantamento da realidade econômica do mesmo. Para tanto, foi utilizada a planta do município e um roteiro de observação com itens como infra-estrutura (casas, rede de água, esgoto, iluminação, segurança, meios de transporte, igrejas, salões,

postos de saúde, mercados, lojas, etc.) e meio de produção industrial (nomes das indústrias do bairro).

* De posse da planta e da realidade econômica do bairro, partiu-se para análise e classificação do que faz parte do espaço de produção, circulação, idéias e consumo. Exemplos:

Produção

- Indústria de móveis
- Doces
- Macarrão
- Metalúrgica
- Gesso

Circulação

- BR 277
- Rua das Samambaias
- Rua das Margaridas
- Rua das Flores
- Rua dos Narcisos

Idéias

- Igreja de São Francisco
- Colégio Orso
- Escola Guarujá
- Igreja Protestante
- Postos de saúde
- Salão comunitário

Consumo

- Supermercados
- Bares
- Farmácia
- Cantina, mercados

- Açougue, quitanda
- Lojas

Nessa etapa, foi dada ênfase à indústria, objetivo principal do conteúdo trabalhado. De posse da planta e do levantamento, os alunos voltaram a campo com o seguinte roteiro de observação: localização, tipo, capital, matéria-prima, mão-de-obra utilizada pela indústria local.

Para conclusão e avaliação da prática desenvolvida, foi montada uma maquete do bairro demonstrando as transformações provocadas pela atividade industrial, fator determinante na organização do espaço atual.

Esse trabalho contribuiu de maneira significativa, tanto para o aluno quanto para o professor. Ambos perceberam e discutiram questões de vital importância para a região.



6. Matemática no Cotidiano

'Um mais um é sempre mais que dois...'

Beto Guedes

Ao longo dos anos, tem-se procurado inovar metodologicamente na Matemática. Congressos divulgaram a Matemática Moderna, incorporando em nível acadêmico e institucional os conhecimentos mais recentes do desenvolvimento da psicologia genética, destacando-se a contribuição de Piaget, entre outros. Porém, essas mudanças não modificaram totalmente, no professor, a sua visão da Matemática.

A Matemática precisa, hoje, ser concebida como bem cultural produzido pelos homens, nas relações sociais permeadas pelos três eixos: medidas, números e geometria, metodologicamente trabalhados, fundamentalmente, nos laboratórios de Matemática.

Na tentativa de ensinar Matemática, o professor necessita ter em mente que a escola onde leciona não é um mundo isolado, mas faz parte de uma organização mais ampla — a sociedade.

Incorporando essa concepção, escolas mandam experiências tornando o conteúdo matemático vivo, inserido no cotidiano do aluno, dando-lhe a possibilidade de resolver seus próprios problemas.

Algumas sugestões

Quando se trabalha o conteúdo sobre áreas, tenta-se relacionar a teoria com a prática. De que maneira?

- estuda-se em classe o como medir áreas;
- organizam-se os alunos em equipes;
- realiza-se o trabalho de campo (medindo horta, canteiros, quadra de esporte, pátio);
- após as medidas coletadas, volta-se à sala de aula, calculam-se as áreas e, em outras, são feitas comparações entre as medidas obtidas pelas equipes;
- em etapa posterior, os alunos realizam outra pesquisa sobre medidas de área, tais como sítios, chácaras, fazendas, etc;
- a partir dessa pesquisa, são elaborados com os alunos problemas envolvendo medidas de terra, aprendendo a fazer conversão de alqueire para hectares e vice-versa e, ainda, uma comparação entre os cálculos empíricos utilizados por agricultores e os cálculos científicos usados pelos agrimensores.

Pode-se observar que a experiência foi muito bem aceita, tanto pelos alunos quanto por seus pais, devido à praticidade do que estava sendo estudado.

com o mesmo intuito de unir teoria e prática, um professor apresenta uma metodologia para conhecer e aplicar a lei dos cossenos.

Resumo da experiência

"A partir do ano de 1987, venho trabalhando com uma metodologia que considero adequada para que o aluno tenha interesse e gosto em

aplicar a fórmula da Lei dos Cossenos no cálculo de área de quadriláteros irregulares, utilizando uma estratégia de modelos matemáticos que propicia a prática do aluno, uma vez que este vem para a escola a procura de conhecimentos que lhe permitam formular hipóteses e desencadeá-las na realidade deles.

Deixamos a sala de aula com um grupo de alunos, fizemos a mensuração de terrenos em datas, no pátio da escola, e já fomos até em sítios deles mensurar terrenos. É claro que a exatidão das medidas e cálculos só é efetuada com aparelhos, mas já chegamos a comparar cálculos de área com pequenas porcentagens de erros. "O que levamos em consideração é que a fórmula $a^2 = b^2 + c^2 - 2bc \cdot \cos d$ não se torna mais uma das tantas fórmulas matemáticas nuas, sem nenhuma utilidade para nossos alunos, os quais não conseguem transferi-las na hora exata para solucionar os problemas do dia-a-dia, se não houver constantemente união entre teoria e prática."

uma outra tentativa de trabalhar a Matemática numa perspectiva mais concreta é a que ocorreu com alunos da 4ª série. A professora utilizou-se de recortes de jornal da página econômica para despertar no aluno o interesse em calcular. Usou como exemplo o dinheiro que o pai teria aplicado na poupança. Fizeram os cálculos de quanto o pai teria ganho se tivesse aplicado o dinheiro na compra de produtos como arroz, óleo, farinha, açúcar. Os alunos foram informados ainda pela professora de que existem outros modos de fazer com que o dinheiro não se desvalorize nas mãos do pai.

O que há de novo?

- a utilização do jornal em classe;
- o interesse pela página econômica;

- o diálogo sobre finanças da família;
- o diálogo possível entre pais e filhos sobre questões financeiras.

"Os alunos, divididos em grupos, vão aos diferentes supermercados existentes no município e cada grupo pesquisa os preços de itens básicos, preestabelecidos em sala de aula. Após esta pesquisa mensal, faz-se a coleta dos dados que é repassada aos outros grupos. Depois, os alunos aprendem, com esses dados, porcentagens, juros e, inclusive, o cálculo médio de inflação.

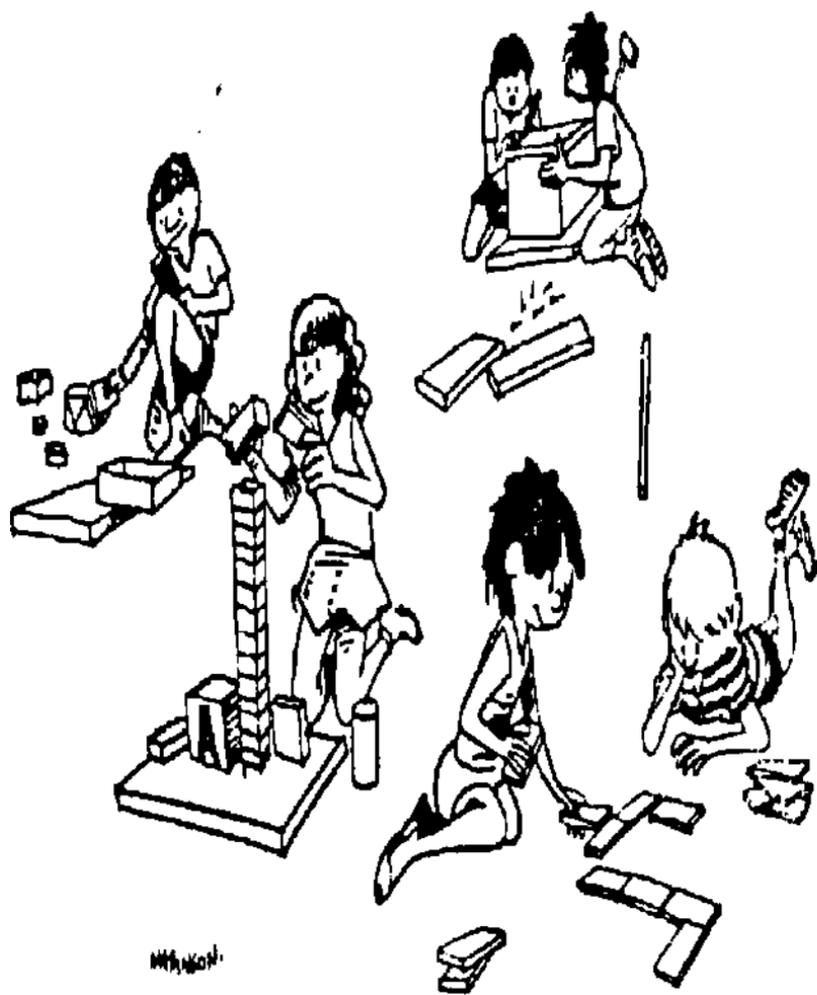
"Este trabalho está sendo desenvolvido com os alunos do 1º e 2º graus, pois interessa a todos. Esta atividade é constante, visto que as pesquisas são mensais e os dados sempre novos; tem-se a vantagem de estar sempre em dia com os preços de mercado e, com isso, a comunidade economiza em suas compras, pois tabelas de preços são colocadas em pontos estratégicos da escola para que alunos, professores e funcionários possam comparar e comprar melhor."

Para aprofundar esta perspectiva, os professores de Matemática vêm participando de grupos de estudos para encaminhamento e resolução de problemas com o ensino da disciplina, preocupados com a introdução dos conteúdos matemáticos no contexto da vida diária do aluno.

Lançam desafios que indicam caminhos ou alternativas para uma vida melhor, instrumentalizando o pensamento e permitindo que a criança se expresse e compare suas observações, suas experiências devida, que tenham consciência do que fazem e para que serve.

Construção civil, medidas agrárias, contas bancárias, gráficos de inflação, nascimento-morte, índice de preços, perdas salariais, pes-

quiza de charadas envolvendo cálculos matemáticos com diferentes métodos de resolução, o problema da interdisciplinaridade percebido mais nitidamente em situações concretas, tudo isso é refletido nesses grupos de estudo que integram professores de 1º, 2º e 3º graus, criando laboratórios, oficinas de matemática.



7. Alfabetização

*'As palavras são tecidas
a partir de uma multidão de fios ideológicos
e servem de trama a todas as relações sociais
e em todos os domínios.'*

M. Bakhtin

A alfabetização precisa ser entendida, numa perspectiva ampla, como processo contínuo de leitura de mundo. Não basta codificar e decodificar símbolos para que a alfabetização se constitua; o que importa é o código enquanto veículo da significação.

"A alfabetização—tomada como processo de apropriação da língua escrita — assume, na escolarização, um papel fundamental: ao instrumentalizar o aluno para a inserção na cultura letrada, cria as condições de possibilidades de operação mental capaz da apreensão dos conceitos mais elaborados e complexos que vêm resultando do desenvolvimento das formas sociais de produção."¹

Nesta perspectiva, o encaminhamento metodológico para apropriação da língua escrita privilegia o contato contínuo com a escrita, possibilitando todo tipo de leituras: visual, auditiva, sensorial.

¹ CURRÍCULO básico para a escola pública do Estado do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado 1992.

Incorporada essa fundamentação teórica, o professor naturalmente cria situações que favorecem a apropriação da leitura e da escrita. E muito se tem criado e recriado nesse sentido.

uma atividade apresentada por uma professora exemplifica o acima proposto.

Feira do livro

O impulso foi dado pela professora que criou algumas quadrinhas, animando com isso a produção dos próprios alunos.

A primeira feira do livro
Foi uma semente lançada
No dia 11 de setembro.
Olhem só que abençoada!

Entrando na 4^o série,
Disse a Augusta, entusiasmada:
— "Vamos fazer uns livrinhos,
Nossos, sem copiar nada!"

No Colégio houve um aluno
Que quis colaborar.
Mesmo sem a sua escola,
Heitor veio pra ajudar.

Mandou-nos suas histórias
Lindas, cheias de encanto.
Isso prova o que afirmamos:
Artistas têm em todo canto!

Aí está o texto, verdadeiramente colocado como ponto de partida e, ao mesmo tempo, ponto de chegada, que, dialeticamente, transformar-se-á novamente em ponto de partida.

As professoras, na alfabetização, estão lançando mão dos meios mais variados para que os alunos criem o gosto e o domínio da escrita, da leitura, do cálculo, do raciocínio lógico, em síntese, da construção da sua personalidade. Encenações, diálogos, desenhos, jogos, revistas, livros, o meio ambiente, enfim, tudo que está ao alcance é utilizado. Em relação ao jogo, por exemplo, uma professora apresentou a seguinte sugestão:

Construção de texto através do jogo:

- Material: um tabuleiro, um dado, tampinhas de garrafa para marcar o jogo, caderno, lápis e borracha.
- Pode ser jogado por três a quatro crianças.
- Desenvolvimento:
 - O jogo pode começar por aquele que tirar o número maior ao ser lançado o dado.
 - A criança joga novamente o dado, e o número que ela tirar corresponde ao número de casas que ela deve andar; na casa que a tampinha parar, a criança começa o jogo, ou melhor, a história. Exemplo: se cair no telefone, a criança pode falar: "Estava em casa e, de repente, o telefone tocou."
 - O outro participante joga o dado e cai no chocolate. Este aluno continua a história: "Era o João me convidando para ir com ele ao supermercado comprar chocolate..."
 - E assim-sucessivamente.

- O jogo pode terminar quando as crianças jogarem uma, duas ou três vezes, a critério do professor.
- As crianças anotam a história.

Observação: este jogo pode ser confeccionado pelas próprias crianças.

Você, que é professor do Ciclo Básico de Alfabetização e já criou tantas formas de trabalhar com livros de histórias infantis, veja o que pode acrescentar a esta sugestão:

Título da obra: *Bicho Esquisito*, de Márcia Kupstas, Ed. Moderna.

A escolha dessa obra justifica-se por corresponder aos interesses da faixa etária de crianças da fase inicial de alfabetização e visa a dar continuidade ao trabalho de desenvolvimento da criatividade e do raciocínio, cujos resultados poderão ser observados nas produções das crianças.

Roteiro de trabalho:

- Contextualização — obra, autor, editora, assunto.
- Problematização — levantar com as crianças as hipóteses sobre a idéia de "ser esquisito".
- Leitura silenciosa do texto.
- Registro das primeiras impressões das crianças sobre as idéias do texto.
- Leitura oral, individual, pelas crianças.
- Leitura oral pela professora.
- Pesquisa em dicionário do significado das palavras desconhecidas.
- Discussão das idéias do texto:
 - Por que Ciça queria colocar asas azuis nos bichos?

- Você concorda que é zombaria colocar asa em bicho perigoso? Por quê?
- Você já imaginou um bicho esquisito? Como ele seria? Onde viveria? Que nome você daria para ele?

Educação Artística

- Agora, vamos desenhar o bicho esquisito que você imaginou e o lugar onde ele vive.
- Vamos modelar, com argila, o bicho que você desenhou.
- Que tal pintar esse bicho, usando tinta guache?
- Vamos construir o *habitat* desse bicho.
- Dos bichos que você viu no livro e dos bichos que você conhece, escolha um para fazer uma pesquisa sobre suas características, sua utilidade, seu *habitat*.
- Pesquisa sobre os bichos escolhidos, ilustração e apresentação para os colegas.
- Confecção de um mural com as pesquisas feitas pelos alunos, classificando os bichos em domésticos e selvagens.
- Produção de texto: Vamos escrever um pouco? Invente uma história para um "bicho esquisito".
- Procure músicas que falem de bichos e traga-as para ouvir com seus colegas.

No trabalho com produção de textos, muitas sugestões podem ser aproveitadas e trocadas entre professores, porém algumas chamam a atenção pela possibilidade de recriação pela professora de 3^ª série.

A primeira delas, que a professora chama de História Muda, consiste nos seguintes passos:

- Os alunos representam com desenhos as histórias criadas.
- Cada desenho é dado a uma equipe para que escreva a história conforme a interpretação do grupo.
- Os autores são chamados a ler os seus textos escritos e a confrontar uns com os outros.

A segunda a professora chama de Manchete Infantil.

Pede aos alunos que criem manchetes e façam delas reportagens. Na classe, elas são trocadas, e cada aluno vai criar uma reportagem para a manchete sugerida por seu colega. No final, são confrontadas a manchete e a reportagem do autor com a reportagem do leitor.

O novo dessas atividades é a possibilidade de todos perceberem as diversas leituras dos alunos, conforme a visão de mundo de cada um.

A narrativa na alfabetização

Considerou-se neste trabalho a competência das crianças em formular narrativas desde o início do processo de alfabetização.

Ao constatarem a eficácia da escrita, as crianças desejam representá-la e o fazem através dos textos que produzem.

A narrativa se mostra como uma das atividades de destaque e que precisa ser entendida pelo professor e bem aproveitada no ambiente escolar, por apresentar inúmeras vantagens. Através da narrativa, a criança amplia o vocabulário, desenvolve a habilidade de seqüenciar eventos, propicia o refinamento de aspectos ligados à sintaxe, possibilita a elaboração de textos como uma interlocução na qual o discurso precisa ser adequado ao outro, ao interlocutor.

Numa perspectiva sociointeracionista, o professor deverá ser o interlocutor básico, o investigador constante, procurando compreender as questões teóricas que possam embasar a prática pedagógica, permitindo-lhe fazer uma opção metodológica de modo claro com um parâmetro para avaliar os textos que elaboram.

É preciso entender também que a aquisição da linguagem-padrão por parte da criança não é resultado de um ensino direto. Ela se faz de modo gradual, progressivo e contínuo pela atuação da criança e a mediação do professor como um parceiro, como um dos muitos interlocutores.

A criança deve ser envolvida num clima de aceitação e respeito, elogiada pelo que já aprendeu e já é capaz de produzir, sem esquecer no entanto que, para chegar à produção de textos autônomos, precisará necessariamente da ajuda segura do professor.

Por isso, o acompanhamento e os procedimentos adotados em sala de aula, promovendo uma necessária e indispensável interação, são requisitos primordiais para desencadear a evolução do processo de aquisição da escrita.

Ao compreender o processo e as diferentes hipóteses levantadas pela criança na construção da escrita, o professor poderá, com tranquilidade, trabalhar na busca de uma prática comprometida, eficaz e valiosa.

Apresentamos, a seguir, algumas narrativas produzidas por crianças na fase inicial de escolarização.

Estas narrativas foram coletadas nas escolas públicas de Curitiba, nos anos de 1991 e 1992. A análise dos dados teve como intenção

avaliar a capacidade das crianças em produzir narrativas num contexto de alfabetização.

O texto da *Ilustração I* (forma reduzida do original, com a respectiva "tradução") foi produzido por crianças no ano inicial do Ciclo Básico de Alfabetização, a partir da história d'O *Bichinho da Maçã*, de Ziraldo, contada pela professora. Reunindo as crianças em duplas, a professora solicitou que criassem a sua própria história, respeitando as especificidades do momento.

Nota-se que as crianças apresentam uma certa autonomia de escrita, mas demonstram marcas da oralidade, escrevendo num fluxo contínuo, quando registram: "Era uma vez o bichinho da maçã ele vivia contando história e todo mundo ria."

A narrativa, que foi um relato de história ouvida, inicia com o verbo no imperfeito: "Era uma vez". Situa o leitor, respondendo às seguintes perguntas: Quem? — "O bichinho da maçã". Onde? — Fica implícito que é no pomar, no quintal. Quando? — "uma vez, um dia..."

Ao responder **quem**, **onde** e **quando**, marca na narrativa o critério "Orientação" e na seqüência apresenta o critério "Complicação", escrevendo "ele (o bichinho) vivia contando história e todo mundo ria", caracterizando a ação praticada pelo personagem.

Apresenta a noção de tempo ao escrever "até que uma hora". Encerra a narrativa dizendo que "todo mundo foi embora".

Fica claro neste procedimento que o professor atuou como o interlocutor "vivo" mais experiente, permitindo que as crianças registrassem suas idéias, respeitando o processo de desenvolvimento da escrita.

Ilustração I

OBICHINHO DA MAÇA

É TA UM VEZ O BICHINHO DA MAÇA ELE VEU COM UM DOH ESTE TODD MUNDO RIA
ATE CEU MAO TA TODA JUNDO TO. EMBORA

É TA UMA VEZ O BICHINHO DA MAÇA
ELE VIVIA CONTANDO HISTÓRIAS E
TODO MUNDO RIA ATÉ QUE UMA
HORA TODO MUNDO FOI EMBORA



14 fev do C.B.
JAMES E MARCEL - 22-05-92

Ilustração II

O Tanco e Tanco
Era uma vez dois elefantinhos que brincavam
na floresta

A mamãe falou - não vão longe porque é
perigoso

Mas os elefantinhos desobedeceram a mãe
e se perderam na floresta. Sua mãe ficou preocupada
e quando encontrou seus filhinhos
dela - eles têm castigo para que nunca
mais desobedeçam.

B

06/11/92.

O texto da *Ilustração II* foi produzido por uma menina da primeira fase do Ciclo Básico de Alfabetização.

A história contada por ela foi feita sem interferência da professora.

Durante a fase inicial do seu processo de aquisição da escrita, a aluna necessitou de muito apoio da professora, pois era bastante insegura. No entanto, ao que se percebe, já compreendeu a convenção da escrita.

Inicia a narrativa com o uso de verbos no imperfeito (Era uma vez), localiza os personagens, marca as vozes no texto fazendo uso do travessão, orienta o leitor sobre o espaço onde ocorre a história.

Percebe-se que a professora teve uma atitude coerente, pois encorajou B. a escrever.

Quanto à convenção da escrita, a postura da professora foi a de respeitar os "equivocos" cometidos por B., por entender que, no decorrer do trabalho, isso poderia ser resolvido de forma tranqüila e sem traumas para a criança.

Veja a *Ilustração III*. De acordo com os critérios apontados por Perroni², esta criança, ao fazer o texto, já no início, situa o leitor respondendo às seguintes perguntas: Quem? — "Silvia". Quando? — "Um dia", marcando o critério de "Orientação", isto é, orienta o leitor ou o ouvinte quanto ao personagem da história.

² PERRONI, M.C. *O desenvolvimento do discurso narrativo*. São Paulo: Martins Fortes, 1992.

Ilustração III

"O lago de chocolate"

Num dia ensolarado, Silvia resolveu ler uma de suas histórias, e a que ela resolveu ler foi a história do lago de chocolate.

Ela adorou a história, e imaginou que o lago era de lá, que as pedras eram bolinhas, que as estrelas do mar eram chocolate e as pedrinhas do lago eram pedacinhos de chocolate e tudo isso é só imaginação de Silvia.

No dia seguinte, ela teve que levantar cedo porque Silvia não queria. Dábe por quê? Para continuar escrevendo.

J 1 OUT 1992

Percebe-se que é uma leitora de histórias infantis pela forma como inicia a história: "Silvia resolveu ler uma de sua histórias..."

Faz a apresentação da personagem, quando escreve "Silvia adorou a história e imaginou..."; deixa o interlocutor curioso, causa expectativa; conta a ação praticada por Silvia, isto é, "imaginou (Silvia) que o

lago era dela, que os peixes eram balas, que as estrelas do mar eram chocolate e as pedrinhas do lago eram pedaços de chicletes e tudo isso é só...", marcando em sua escrita o critério "Complicação".

Apresenta os fatos numa seqüência lógica, usa verbos no passado: "era".

Percebe-se que I. escreve com o intuito de dizer algo a um interlocutor que foi criado, imaginado; evidencia isto no momento em que pergunta: "Sabe por quê?"

Por sua vez, o aluno A., ao criar seu texto *{Ilustração IV}*, solta a imaginação e revela algo muito singular: demonstra liberdade na escrita.

Apresenta logo o personagem "Janjão", quer dizer, orienta o seu interlocutor sobre a ação a ser desenvolvida, o espaço, o tempo.

Desenvolve a ação, isto é, a narrativa propriamente dita "Complicação", ao escrever: "Certo dia ele (Janjão) resolveu visitar seus amigos".

Conta com detalhe o passeio realizado pelo personagem. "Voou bem alto e viu: os planetinhas, os planetoides e os planetões. Deu um abraço bem apertado em cada um... voltou para a terra...".

Apresenta o desfecho, "Resolução", como também a moral da história, "Coda", ao escrever o que "Janjão" disse a si mesmo: "Como é bom ter amigos leais!".

Trabalha em seu texto com verbos no passado; sua produção apresenta as características e partes que compõem a narrativa, conforme

Ilustração IV

O foguete Zanzão
Zanzão é um foguete muito sape-
-ca

Certo dia ele resolveu visitar
seus amigos.

Vitou bem alto e viu:
os planetinhas, os pla-
netoides, os planetões

Deu um abraço bem aper-
tado em cada um matou
a saudades, voltou para
terra com o coração
muito pulsando feliz e digem-
do consigo mesmo:

Como é bom ter amigos

leais!

Autor: A

de 1992

30 de outubro

os parâmetros apontados por Perroni³, ou seja: Orientação, Complicação, Resolução e Coda.

Percebe-se que o texto apresenta uma forma particular de seqüenciação e demonstra que as condições de produção do discurso narrativo no ambiente escolar possibilita ao aluno penetrar em "outros mundos", o do imaginário, via linguagem escrita, podendo manifestar sua própria voz.

³ Idem, *Ibidem*.

8. Em Educação Física

'Ah esta casa onde quase nunca estamos, grande razão da existência, à qual damos o nome de corpo...'

Carlos Alberto Rodrigues Alves

"Durante muito tempo Educação Física foi vista como paralela à educação e não como parte dela, como área do conhecimento. A Educação Física deve trabalhar o corpo em movimento, rumo a uma sociedade pretendida. É necessário conceituar o movimento humano para melhor esclarecer o papel da Educação Física na ação pedagógica." (Currículo Básico para a Escola Pública do Estado do Paraná).

A ginástica, a dança e os jogos são maneiras de o corpo se expressar.

Até hoje, considerou-se a Educação Física na escola tradicional, enfatizando a disciplina, o adestramento físico. Na escola novista: atividades livres; na escola tecnicista: formar para competir.

Um professor relata a seguinte atividade em Educação Física:

"com os alunos se explorou a dança, valorizando as tradições culturais da região e proporcionando-lhes a oportunidade de aprenderem os mais variados ritmos. Além disso, a partir da própria música, levou-se os alunos a criarem coreografias. com o desenvolvimento da coreografia, conseguiu-se organizar jogos dramáticos.

"Os alunos puderam perceber sua capacidade de usar o movimento do corpo para encenação, através de mímicas, com os mais variados gestos para transmitir mensagens. Puderam, então, sentir que o corpo fala.

"A avaliação dessas atividades é feita com a participação dos alunos (auto-avaliação)."

Outro professor trabalhou o xadrez na Educação Física. O xadrez, sendo uma luta de idéias que estimula o desenvolvimento mental das crianças, impõe uma disciplina atrativa e agradável, aumentando a capacidade de cálculo, raciocínio e concentração.

Através de experiências realizadas em outros países — Argentina, Iugoslávia, Holanda e outros —, os mestres comprovaram que o enxadrismo em escolas contribui não só para exercitar as qualidades pessoais de cada aluno, brindando-o com um passatempo, mas também como meio de superar problemas grupais e de tipo disciplinar.

A dedicação e esforço de um aluno enxadrista da escola proporcionou um projeto gratuito aos demais interessados em aula de xadrez, um total de 20 horas semanais, no período vespertino.

Na medida em que os alunos foram se envolvendo com o jogo de xadrez, percebeu-se que houve melhoria da aprendizagem em todas as disciplinas.

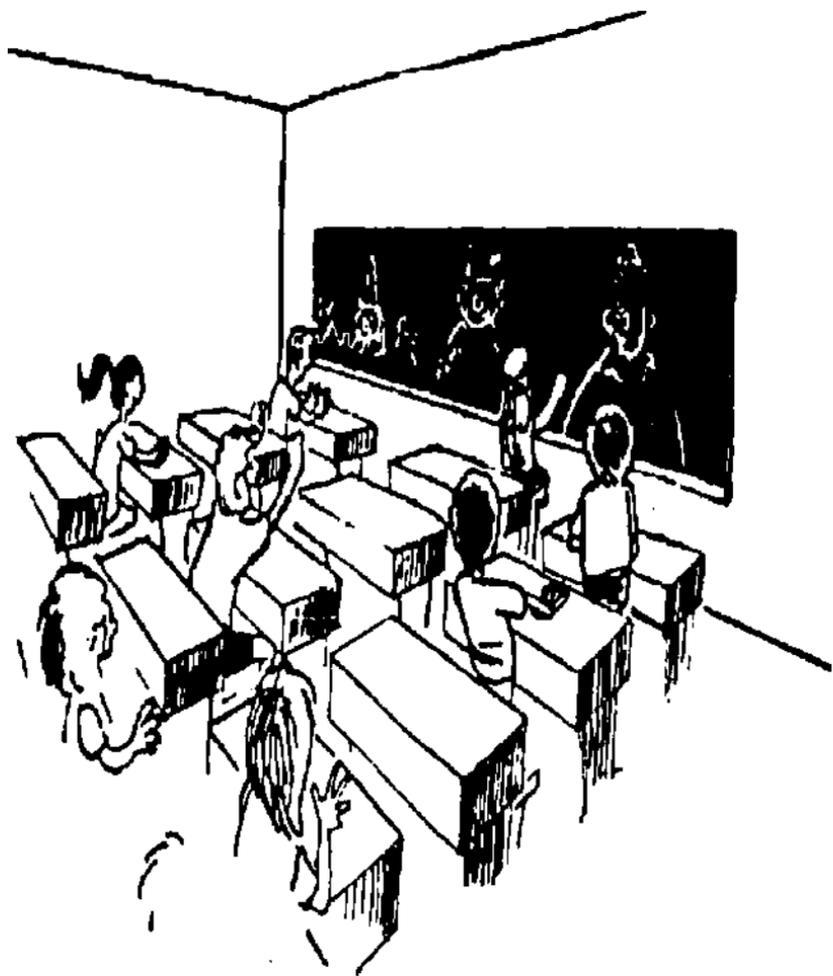
Deve-se esta melhoria ao fato de que o xadrez possibilita a visão do todo: várias peças seguem movimentos diferentes. O pensamento do jogador não é linear; ao contrário, ele deve modificar seu raciocínio de acordo com a jogada do adversário. Isto é, existem variáveis que

intervém de forma nova a cada jogada. Além disso, há necessidade de concentração constante, tendo presente a globalidade das peças. O aluno se habitua a tomar decisões, tendo presente todas as alternativas possíveis. Assim, diz o professor, é impensável jogar xadrez estando distraído. Este modo de raciocinar acaba sendo utilizado quando o aluno necessita resolver um problema de Matemática, ou quando se defronta com uma situação que pede resposta com rapidez, concentração e visão do todo.

A Educação Física passa a ver o aluno como um todo a ser desenvolvido de modo harmonioso: corpo, mente, afetividade e socialização integrados.

Muitos professores de Educação Física vêm promovendo jogos, integrando todos os alunos, os professores e a comunidade. Um exemplo é o que acontece durante a "Semana do Trabalhador": uma escola realiza os primeiros jogos dos trabalhadores, conseguindo com isso uma confraternização entre comércio, escola e comunidade, não importando o placar ou a classificação. O que importa é a participação de todos e não a homenagem ao vencedor. Modalidades: voleibol misto, dama, xadrez, canastra, tênis de mesa, futebol de salão, gincana, *bets*.

O destaque está para o envolvimento de todos os alunos e não na competição pela competição.



9. Magistério

*"com pedaços de nós mesmos
nossos alunos se aproximam dos seus sonhos..."*

Claudino Gentile Ortigara

*"Lembrei-me de você como o feiticeiro que, faceiro, faz,
magicamente, no coração dos aprendizes,
despertar coisas betas e adormecidas..."*

Carlos Alberto Rodrigues Alves

Professores estudando nas escolas

com o atual movimento dos professores no sentido de reestruturar a proposta pedagógica das escolas, grupos de estudo foram se organizando. De início, os professores das séries iniciais. Depois, os do primeiro e segundo graus, supletivo e educação especial. O envolvimento nesses grupos é tamanho que chama a atenção de outras redes de ensino (municipal e particular), a ponto de estas se disporem a participar, superando, assim, o individualismo pelas trocas que esses encontros proporcionam.

O novo, nestes grupos, é a possibilidade de trabalho interdisciplinar que sugere o rompimento do ensino fragmentado.

Estagiários em ação

Alunas do magistério propõem um estágio supervisionado alternativo, aplicando o aprendizado do curso na alfabetização dos funcionários analfabetos da escola. As aulas são ministradas pelas alunas do 3º

ano do magistério, no horário de estágio, cumprindo a carga horária de três horas semanais, de maneira a não prejudicar o trabalho dos funcionários beneficiados pelo projeto, os quais já demonstram o resultado da inovação nos textos que produzem.

Experiência semelhante a essa é a desenvolvida também por estagiários do magistério, recuperando alunos de 3^a e 4^a série do 1^o grau com defasagem de conteúdos.

E se você, professor, quiser saber como se diminui a evasão e a repetência veja o que uma escola sugere:

- melhor integração curricular;
- metodologias diversas e técnicas de acordo com as diferenças individuais e capacidade dos alunos;
- orientação para a pesquisa;
- incentivo para o estudo e a participação dos alunos nos trabalhos de classe;
- auxiliar o aluno a "aprender a aprender";
- professor atuando em favor do aluno, avaliando seu papel como educador;
- aproximação com os pais, orientando-os para que possam dar atendimento em casa a seus filhos, como:
 - estipular horas de estudo e de lazer;
 - incentivar a busca de informações e conhecimentos através de boas leituras;
 - estimulá-los a fazer da escola um lugar onde se sintam bem;
 - entender que todas as disciplinas são importantes para ter domínio do saber construído historicamente;

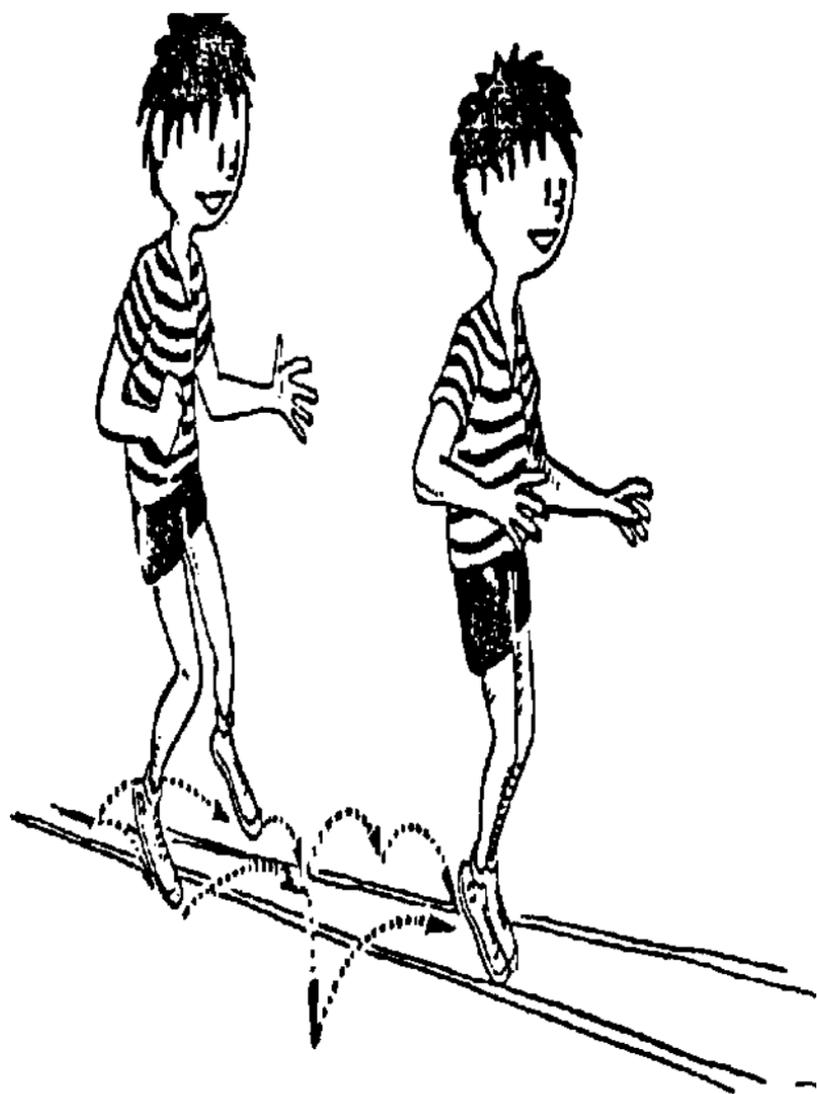
Ação colegiada

E se você, professor, pensa em promover encontros para reflexão sobre o cotidiano da escola, esta experiência lhe sugere algum caminho.

Um grupo de alunos dá exemplos de como se desenvolve uma ação colegiada quando propõe, motivado pelo trabalho do orientador educacional em conversa com a turma, a criação de um conselho da sala, o qual se ocuparia de questões de eficiência, participação, disciplina, etc. Nasce assim a UES (União dos Estudantes de Sala).

Depois de ganhar a confiança dos demais alunos e professores, todos assumiram como pacto de camaradagem as decisões coletivas visando a alterar o quadro escolar da sala.

O trabalho paciente entre Direção e SOE (Serviço de Orientação Educacional) possibilitou tornar evidente a estes alunos uma realidade que poderiam modificar a partir da tomada de consciência, que a solução, em grande parte, dependeria deles e que o sucesso poderia contagiar não só a própria turma mas as demais. Outra escola chama esta atividade de Mesa-Redonda.



10. Na Biologia...

*Vida è um processo dialético tendente
a uma equilibração cada vêz mais estável e móvel. "*

Jean Piaget

Na disciplina de Biologia, o colégio, preocupado com o aumento da cárie dentária dos alunos das quintas séries, resolveu investigar as causas através de um projeto de pesquisa.

O trabalho envolve alunos entre 12 e 14 anos, pois estes se encontram na fase de adolescência, quando a formação e estruturação dos dentes é de suma importância para a idade adulta.

O colégio é freqüentado por famílias de baixa renda e sujeitas a alimentação errônea para os parâmetros da medicina e do nutricionismo, sendo que esta alimentação, muitas vezes rica em açúcares e hidratos de carbono e pobre em vitaminas, proteínas e sais minerais, pode vir a influenciar negativamente na formação e estruturação dentária permanente.

Através de um resultado que demonstre as verdadeiras causas da formação de cáries nos indivíduos da amostra, poderemos chegar a um programa de conscientização da comunidade escolar e a um projeto de alimentação alternativa que supra este problema no bairro

onde a escola está inserida. Pretende-se, também, fornecer subsídios a profissionais de saúde do município, para a elaboração de propostas e projetos que tenham como base a conscientização e a alimentação alternativa e, ainda, buscar, através da prática, um conhecimento maior dos alunos na elaboração e instrumentalização de questionários e tabelas que ajudem na visualização e publicação dos resultados, incentivando estes alunos e demonstrando a importância da pesquisa nas escolas para combater os problemas evidenciados no contexto escolar.

E você, professor, que mora perto de uma praia, que tal aproveitar esta sugestão?

Procurando despertar no aluno o gosto e o interesse pela pesquisa científica, uma professora desenvolve um trabalho de pesquisa de campo em Biologia Marinha, através de excursão, que fornece ao aluno conhecimentos práticos de Zoologia e Ecologia da região litorânea. O trabalho resulta em estudo prático dos conteúdos programáticos da 3ª série do 2º grau e coleta de material para laboratório, onde os alunos colocam em prática as regras taxionômicas da Biologia.

E agora, que tal um pouquinho de Botânica para "purificar" nosso ambiente? É o caso do projeto envolvendo alunos do 2º grau, onde eles aprendem a reconhecer e compreender o desenvolvimento da diversidade dos vegetais urbanos e a integração desses para a manutenção do equilíbrio da natureza. Os alunos, juntamente com um funcionário da prefeitura, catalogaram cada tipo de vegetal, buscando, através da pesquisa, o nome científico de cada um deles. Após a coleta de 38 tipos de vegetais, está sendo montado o herbário municipal, para que a comunidade tenha conhecimento das espécies que urbanizam a cidade.

Você acha que existe vida inteligente em outro planeta? E a natureza, como será amanhã?

Um colégio está desenvolvendo um trabalho com a participação dos alunos do magistério e da 1ª à 4ª séries, no sentido de sensibilizar e conscientizar a comunidade para a preservação do meio ambiente numa abordagem interdisciplinar. Do projeto consta: passeio ecológico, plantio de árvores, produção de textos, dramatização, desenho, pintura, recorte, colagem, limpeza da sala de aula, preservação do jardim da escola, elaboração de um painel e realização de uma passeata, culminando com uma concentração ecológica.

Outro colégio resolveu passar a cidade a limpo. Como?

- * diminuindo o gasto de energia elétrica e H_2O ;
- * preservando o meio ambiente;
- * ensinando que o lixo pode ser reciclado.

Através de campanha, com concurso de *slogan* e palestras envolvendo a comunidade, prefeitura do município e alunos de 1º e 2º graus, ficou claro que a prefeitura terá que estruturar-se, construindo depósitos adequados para abrigar cada tipo de lixo.

Ao caminhar, outras idéias vão surgindo.



007462

11. Na Química

'A verdadeira função de qualquer ciência é fazer a humanidade feliz. "

O que está se fazendo na disciplina de Química?

No esforço de enriquecer o trabalho pedagógico e as atividades curriculares, desenvolvem-se as seguintes atividades na disciplina de Química:

- manutenção de alunos bolsistas como monitores de laboratório, mantidos por empresários do bairro;
- preparação específica de monitores de laboratório, através de curso oferecido pelo Departamento de Química da Universidade;
- participação de alunos de 2º grau em cursos oferecidos pela Universidade (Química do Cotidiano), com o objetivo de estimular o interesse pela disciplina;
- preparação de monitores (alunos), pela SUCAM, para desenvolver, no colégio, uma campanha de combate e prevenção da dengue;
- elaboração de um projeto com o objetivo de construir uma oficina de ciência e tecnologia, em parceria com a Universidade.

Num colégio que só oferecia educação geral, houve a cobrança da comunidade no sentido de que algumas disciplinas deveriam ser direcionadas para o estudo da realidade regional, já que 100% dos alunos são filhos de agricultores. Meses de estudo entre professores, pais, APM e Conselho Escolar foram acontecendo. Concluíram que a disciplina de Química deveria ter sua carga horária aumentada com aulas extraordinárias. Foi elaborado um projeto no qual a Química teria os seguintes enfoques: química na agricultura, na alimentação, na água. O projeto foi aprovado pelo Departamento de Ensino de 2^o Grau. com isso a escola acaba sendo a desejada pela própria comunidade local.

12. Em Língua Portuguesa...

*'Sonhar com coisas inatingíveis...
ora... não há motivo para não querê-las.
Que tristes os caminhos dos homens
não fora a presença mágica das estrelas.'*
Mario Quintana

A universidade vai à escola

Diversas escolas, distribuídas por todo o Paraná, têm demonstrado crescimento no trabalho com leitura e produção de texto.

Em um município, uma proposta de capacitação e assessoramento em língua portuguesa atinge 49 estabelecimentos de ensino, perfazendo um total de mais de 50% das escolas públicas estaduais. A idéia nasceu com duas professoras de Português da Universidade que, percebendo a necessidade de fazer um trabalho significativo em leitura e produção de texto, envolveram estagiárias, alunas, para um trabalho sistemático nas escolas.

Considera-se de grande importância este trabalho, tendo em vista que capacita professores em pequenos grupos, o que possibilita assimilar com mais facilidade as questões teórico-metodológicas com relação ao ensino da língua.

O projeto faz parte de uma proposta de interação do 3º grau com escolas de 1º e 2º graus.

Trabalhando figuras de linguagem

uma experiência de intercâmbio de correspondência entre escolas tem como objetivo trabalhar figuras de linguagem.

Quer saber como acontece essa dinâmica? Veja a seqüência:

- O número um da chamada manda correspondência para o número um da outra escola, com uma figura de linguagem no interior do texto.
- De posse do texto, o receptor descobre a figura e manda a resposta contendo outra para ser descoberta.

Percebe-se grande envolvimento dos alunos na troca de correspondência, motivação para descobrir a figura de linguagem, preocupação com a ortografia e caligrafia, mas, principalmente, os alunos passaram naturalmente a empregar figuras nas frases dos seus textos.

O teatro na escola

Um professor apaixonado pelo teatro, percebendo o interesse que as artes cênicas despertam nos jovens, decidiu trabalhar neste sentido em Educação Artística e Língua Portuguesa. Juntou as duas disciplinas em torno do mesmo problema.

Iniciou com as noções básicas de teatro, tendo por base Augusto Boal e Olga Reverhel.

a) Ações preliminares

- Exercícios de descontração. Exemplo: os alunos caminham à vontade, pela sala, em qualquer direção. Primeiro normalmente, depois rapidamente, correndo, voltando ao normal

(passadas normais), lentamente, mais lento. Estático, sem sair do lugar, olhar a posição em que estão todos os colegas.

- Exercícios de concentração e respiração. Exemplo: os alunos, em círculo, com os braços, mãos, ombros e face totalmente soltos. Começamos com exercícios de respiração abdominal: os alunos respiram normalmente, olhos fechados, concentrando-se nos movimentos respiratórios; após um minuto, todos expiram com vigor. Depois enchem vagarosamente a parte inferior do pulmão e procuram manter o ar o máximo de tempo possível. Soltam o ar lentamente, e assim sucessivamente. Esses exercícios fazem com que o jovem ator consiga dominar a sua respiração, concentrando-se nela e, assim, quando for encenar ou ler um texto, o faça com desenvoltura.
- Exercícios de mímica. Exemplo: cinco ou seis alunos participam, enquanto os outros alunos silenciosamente observam a encenação das sugestões dadas. O professor propõe que caminhem como velho de 70 anos, moça de sapato de saltos, alguém carregando uma bolsa pesada, arrastando um peso enorme, equilibrando uma bandeja em um cabo de vassoura ou caminhando com um pé ferido.

Dois alunos frente a frente. Um é marionete e o outro é o manipulador, a um metro de distância. O marionete age como se realmente fosse puxado pelos cordéis. Levantar mãos, braços, caminhar, mexer a cabeça, sentar-se, pôr a língua para fora, etc.

A turma, com os olhos fechados, anda vagarosamente, com as mãos, ombros e face bem soltos. A cabeça ligeiramente pendida. Concentrados nas sugestões do professor, que dá dicas de sensações como sentir frio, calor, pisar em terra fofa, espinhenta...

Os alunos ficam imóveis, olhos fechados, ouvindo silenciosamente os ruídos que os rodeiam, procurando identificar os sons. Após algum tempo, abrem os olhos e dizem o que conseguiram identificar.

com os olhos fechados, os alunos fazem uma viagem imaginária, sugerida pela voz do professor: visita a um sítio à beira de um rio... caminham pelo mato... ouvem o barulho do vento, dos pássaros... sentem a terra macia e fresca... que vai esquentando, esquentando... chegam ao rio... alívio... e assim por diante.

Voltam vagarosamente. Após a abertura dos olhos, reúnem-se e comentam as sensações que tiveram.

b) Interpretação dramática e criatividade

- pesquisa de textos dramáticos e interpretação das personagens;
- criação de história e representação mímica da mesma;
- improvisação de uma situação problema (grupo de seis alunos). Exemplo: um pai de família está desempregado. Como sair dessa situação? Ele já procurou emprego e não conseguiu. A fome aperta. Como montar esta cena?

c) Produção de pequenos textos para dramatização

- Os alunos lêem vários textos teatrais, identificando a estrutura dos mesmos.
- Partindo de uma situação problema, grupos de seis ou sete alunos criam pequenos textos para serem dramatizados. Por exemplo: uma família pobre, de repente, ganha na loteria, fica rica. Essa encenação, no palco, não deve passar de dez minutos. O grupo reúne-se e debate as dificuldades que enfrenta uma família pobre: falta de dinheiro, comida, remédios, roupas, móveis... Seu linguajar simples, sua religiosidade... Depois dessas discussões, vem a criação das personagens.

gens (pai, mãe, filhos, tios, avós) e suas características físicas e psíquicas. Onde as cenas seriam apresentadas? Sons especiais? Quais? são importantes?... Tudo isso gera muito debate. Quando tudo está resolvido, põe-se a decisão por escrito. Começa então a criação das cenas e das falas. Todos ajudam a criar. Cada elemento tenta fazer com que o seu personagem seja interessante, e isso, muitas vezes, gera disputa. Ao final, o grupo chega a um consenso e o trabalho prossegue. Todos os alunos, com cópia do texto, começam a decorar as falas. Depois de decoradas e ensaiadas as cenas, o drama é apresentado para toda a turma. Após a apresentação, faz-se uma mesa-redonda em que cada aluno fala de sua experiência e os assistentes comentam o desempenho do grupo. Depois de todos os problemas estarem sanados, o "drama" é apresentado para as turmas do colégio que queiram assistir.

Durante a experiência com teatro na escola, foram produzidos e encenados 18 textos teatrais. Os textos são produzidos em sala de aula, no pátio, na quadra de esporte ou nas demais dependências, onde os alunos podem falar e debater sem perturbar o andamento das demais disciplinas. A apresentação final é feita no anfiteatro do colégio.

Outro projeto interessante é a oficina literária que propõe a exposição da vida e obra de um escritor.

Professores e alunos visitam e, "juntos", estudam os trabalhos expostos, levando-os à interpretação e produção textual.

Dessa forma, as "tradicionais" aulas de Língua Portuguesa e Literatura adquirem uma nova "cara", ou melhor, é eliminado o preconceito existente sobre a matéria, que é tida como "massante e chata".

Assim, o aluno entra em contato direto com a língua oral e escrita e é levado a produzir textos escritos e analisá-los no plano lingüístico, como também é introduzido no estudo de literatura.

Em conseqüência, surge um aluno criativo, cujo resultado pode ser comprovado através da variedade de produções, como cantos, poesias, crônicas, jornais e peças teatrais, estas editadas no jornal da escola.

Passaporte para a leitura

O livro é como um passaporte que permite entrar no desconhecido. Desta forma, cada aluno em classe pode escolher um livro tendo um roteiro para sua leitura. Exatamente como acontece com uma viagem, no final pode-se ter um guia turístico para melhor aproveitamento da riqueza existente no caminho. O roteiro da página ao lado constitui uma sugestão apresentada por um professor.

Memórias em Português

Verdadeira inovação é aquela que brota espontaneamente, num piscar de olhos, e que cresce pelo envolvimento na intersubjetividade dos sujeitos. Esse é o caso do *Livro de Memórias*.

Essa experiência surge, como foi dito, naturalmente, no momento em que a professora de Português comenta com seus alunos, muito empolgada, sobre as descobertas que havia feito quando foi requerer cidadania italiana. Houve tanta interação na sala de aula que naquele dia virou conteúdo de Português; cada aluno iria resgatar a memória de sua família. Anualmente é produzido um álbum, onde constam todas

Passaporte para a Leitura

Aluno: _____

1 — Dados gerais da viagem a ser feita:

- a) obra literaria: _____
- b) autor: _____
- c) ilustrador (se houver) : _____
- d) editora: _____ edição: _____
- e) ano de publicação: _____ número de páginas: _____.

2 — Durante a viagem:

- a) Locais por onde você viajou.
- b) Comente: você gostou, não gostou; por que você não comenta o que mais chamou sua atenção?
- c) Quem você conheceu durante a viagem, como é, como são, o que fazem ou fizeram?
- d) Que tal fazer aqui uma foto do lugar ou pessoa (personagem) de que você mais gostou?
- e) Conte a história (síntese) de sua viagem.
- f) Conte o que você aprendeu com esta viagem.
- g) Que tal, agora, você mandar um cartão postal para um amigo (com uma paisagem ou qualquer outra coisa representativa da viagem) e, no verso, escrever algo (um pensamento, um trecho) que você tenha lido e gostado durante a viagem?
- h) Comente o final de sua viagem. Você gostou? Não gostou? Que tal, então, imaginar um fim diferente para ela? Como seria?

3 — Após a viagem:

- a) Terminada a viagem, você acredita que valeu a pena? Justifique, argumente, comente.
- b) Que tal você e seu grupo mostrarem para toda a turma um pouco da sua viagem, através de desenho, poema, dramatização, música?

as informações, histórias devida, inclusive documentos originais, verdadeiras relíquias sobre os ancestrais dos alunos.

Nesse resgate, descobre-se a região de origem dos antepassados, constroem-se mapas, analisa-se a ortografia arcaica dos documentos pesquisados.

Chama a atenção, nessa atividade, a aproximação que acontece entre os jovens e a família, na busca da história dos antepassados, geralmente imigrantes, o que não é normal para a maioria dos adolescentes, tão desprovidos de valores familiares.

O vídeo nas aulas de Português

Da lousa para o caderno, para o livro didático, para a leitura e produção de textos ou de livros e revistas coletivas vai tôda uma busca. Hoje é já rotineiro o uso do vídeo como uma das formas de motivar os alunos para este tipo de trabalho. Assim, diz um professor que, hoje, a imagem em movimento, acoplada à trilha sonora, é mais comum aos jovens do que ficarem debruçados sobre livros. É devido a esta realidade que, mais do que nunca, se incorpora o vídeo, comparando o conteúdo proposto com o que se estudou através do livro ou de revista.

Um exemplo discutido no encontro sobre Pedagogia de meios é o que segue.*

* ORTIGARA, Claudino G. *Passos para análise de fitas de vídeo*. Paraná: CETEPAR, 1993.

Os Vizinhos

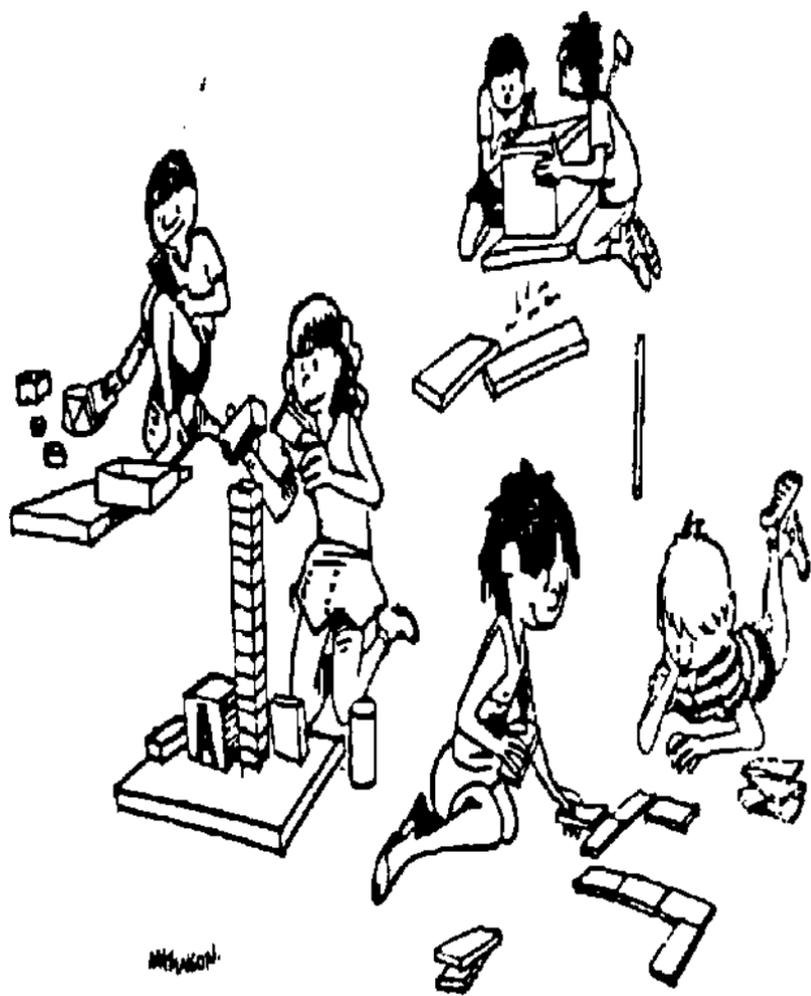
Coleção Vídeo-Escola. Oito minutos, cor. Detentor de oito prêmios, inclusive um Oscar.

Dois vizinhos, por causa de uma flor que nasce na divisa de seus terrenos, empenham-se em violenta luta que os leva à morte.

Atividades possíveis com alunos:

- 1) Plenário: retomar o conteúdo da fita, levantar e analisar situações semelhantes do dia-a-dia, vendo as causas, o que fazer...
- 2) Produção de texto em forma de diálogo entre os dois vizinhos, de acordo com o progresso na fita.
- 3) Produção de um texto, tendo o final diferente do proposto na fita.
- 4) Transformação do conteúdo da fita em história em quadrinhos.
- 5) Dramatização do conteúdo proposto, onde os alunos representam os vizinhos, a flor, os familiares dos "vizinhos¹", a cerca...
- 6) Pesquisa de situações semelhantes, vendo as causas, as conseqüências. A amplitude da situação pode variar. Um exemplo: duas vizinhas se desentenderam porque uma plantou uma parreira. A seu ver, quais são as soluções (Matar a vizinha ladra, levantar o muro, cortar a parreira, contratar um advogado, dialogar...) e quais as conseqüências de cada alternativa? viver não é procurar encontrar as melhores soluções dos problemas que surgem?
- 7) Organização de painel, confrontando ações humanas que constroem ou que destroem. Eros e Thánatos: vida e morte.
- 8) Análise das relações homem-natureza (poluição, preservação).
- 9) Análise dos direitos e deveres de cada proprietário. Estudo das escrituras, vendo superfícies, preços, custos.

Quer dizer que uma fita de vídeo pode ser explorada de várias maneiras, enfatizando o ângulo que mais interessa, porque está respondendo ao que estiver sendo estudado com os alunos através de uma determinada disciplina ou área de estudo.



13. Centros de Línguas Estrangeiras Modernas

*"Os limites da linguagem
são os limites do nosso mundo."
Wittgenstein*

Os centros de línguas estrangeiras modernas, criados pela Resolução nº 3.546/86, têm como objetivo oportunizar aos alunos da escola pública de 1- e 2º graus a opção de cursar uma língua estrangeira diferente da que consta no currículo da escola, ou seja, a língua com que mais se identifique, com que mais combine sua personalidade, com que melhor sintonize sua visão de mundo ou simplesmente aquela que resgate sua identidade cultural.

Os CELEM, um dos marcos da democratização do ensino no Estado, ofertam cursos de Língua e Cultura Alemã, Francesa, Hispânica, Inglesa, Italiana, Japonesa, Polonesa e Ucraniana, em quatro horas aulas semanais, durante dois anos, enriquecendo o currículo do aluno.

De sua criação até 1992, tais centros localizavam-se somente nos municípios-sede dos 22 Núcleos Regionais de Educação, que são justamente as cidades-pólo das principais regiões do Estado do Paraná. A partir de 1993, pelo sucesso do trabalho desenvolvido, novos municípios solicitaram e efetivaram a implantação do CELEM.

Em todos os Núcleos Regionais de Educação, foram desenvolvidos os seguintes projetos:

- O Estudo da Língua na Aquisição do Saber Universal — Revolução Francesa;
- Cultura e História: Retratos da América Latina — o Ensino da Língua e a Busca da Identidade Latino-Americana.

Enfocando toda a carga cultural que a língua traz consigo, e não somente o ensino da língua pela língua, os referidos projetos foram realizados em forma de palestras itinerantes, resgatando a história através de *slides*, músicas, jornais, livros, vestimentas e objetos da época em questão. Além disso, os professores receberam apostilas em língua estrangeira sobre os temas abordados, para posterior trabalho com os alunos em sala de aula.

Em Curitiba, foi organizado o ciclo de palestras — Línguas e Etnias — na perspectiva de mostrar aspectos das etnias formadoras do povo paranaense.

A coordenação dos Centros de Línguas, através de contatos feitos com embaixadas, consulados, associações de professores e instituições ligadas ao ensino de línguas estrangeiras, vem conseguindo materiais didáticos, ilustrativos, turísticos, apoio aos cursos de capacitação docente, além de bolsas de estudos no exterior aos professores atuantes.

Há uma preocupação em analisar os materiais recebidos, elaborando orientações e sugestões para encaminhamento metodológico dos conteúdos, dando assim unicidade ao ensino no CELEM, no qual a língua é vista como um veículo que permeia todas as atividades do ser humano numa dimensão sociocultural da comunicação.

O trabalho vem sendo realizado com textos autênticos, ou seja, artigos de jornais, revistas, material de divulgação turística, poesias, músicas, numa pluralidade de textos, abrangendo diversas estruturas, enquanto expressão de um momento de uso real e vivo da língua.

Por exemplo, a partir da história de cidades, monumentos, aspectos geográficos, moradia, meios de transportes, lazer e cultura contidos nos textos dos *folders* explorados pelos professores, fazem-se comparações de diferentes culturas, formas de agir, pensar e relacionar-se peculiares a cada povo, não inferindo a existência de valores culturais superiores ou inferiores, mostrando apenas que cada sociedade vivencia diferentemente seu processo de relações com a natureza e com os outros homens, donde resultam valores culturais também diferenciados.

Este trabalho, além de integrar os conteúdos das várias disciplinas, possibilita ao aluno tomar consciência, contrastivamente, do funcionamento de sua língua materna.

O aluno também produz textos, roteiros turísticos imaginários, cartazes, mapas, maquetes, não apenas para serem vistos e lidos pelo professor, mas também para servir de interação e troca de experiências entre alunos da mesma turma, turmas e línguas diferentes, assim como a comunidade, pois todo esse material é objeto de uma exposição aberta ao público.

Parques, praças, supermercados e cozinha da própria escola são espaços alternativos usados pelos professores e alunos para realizar jogos diversos, testar receitas, simular compras e grupos turísticos, na língua estrangeira.

Alguns professores do CELEM conseguiram, com seus alunos, realizar viagens a países da América Latina e confrontar o imaginário com o real. Mesma oportunidade tiveram vários professores do CELEM, agraciados com bolsas de estudo no exterior.

Tem-se observado que os alunos que freqüentam o CELEM melhoram seu rendimento escolar.

Como diz a professora Judith Conceição de Oliveira Freitas, em seu artigo "Plurilinguismo: Opção pela Liberdade", publicado no jornal *Correio de Notícias*, em 27/07/86, ano de criação do CELEM...

"Após tantos anos de 'opção' por um único idioma estrangeiro, o plurilinguismo passa a manifestar-se, espontaneamente, como necessidade de um pluralismo cultural.

"... a abertura de vários caminhos possíveis, ao facultar ao aluno uma autêntica opção por qualquer desses, enseja-lhe um exercício de liberdade, impondo-lhe, ao mesmo tempo, o ônus correspondente da responsabilidade."

14. Ensino Religioso Interconfessional?

"É por isso que a Pedagogia Religiosa necessita mais de poesia e menos de Apologia.

Poesia como impulso criador, como ação humana de despertar o sentimento do Belo e do Divino."

Antonio João Mânfió

Sim, Ensino Religioso, de caráter interconfessional, é o que garante a Constituição Estadual no seu artigo 183, capítulo II. Isto resultou de uma consulta à "base", através de uma pesquisa com 223.143 famílias — 92% das consultadas manifestaram-se a favor do Ensino Religioso nas escolas públicas. Também foi realizada uma consulta ecumênica sobre Educação Religiosa no Paraná. Dela participaram bispos, padres, pastores, representantes de 15 igrejas cristãs.

com todas as exigências curriculares e o rigor metodológico que se impõe às demais disciplinas, o Ensino Religioso Interconfessional possui seu currículo próprio, horário e espaço definidos nas grades curriculares, formação profissional específica.

Como se conseguiu tudo isso?

A forma organizada, sistematizada e articulada com que essa disciplina vem sendo reconhecida e aprovada, tanto por autoridades religiosas como pelos órgãos oficiais, foi possível graças ao convênio

firmado entre a Secretaria de Estado da Educação, a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba e a Associação Interconfessional de Educação de Curitiba, desde 1973.

Para assegurar o espírito ecumênico, respaldar o trabalho nas escolas, foi criado nos Núcleos Regionais de Educação o Serviço de Educação Religiosa (SER). Este procura organizar-se e dispor de uma equipe interconfessional, que é formada e esclarecida através de documentos e contatos pessoais sobre os conteúdos da proposta curricular. Dessa equipe, espera-se uma ação conjunta e uma relação sincera e cordial, a fim de que, na escola, um lugar de Educação Religiosa, não se estabeleça:

- domínio da maioria sobre a minoria (monopólio);
- o ensino deste ou daquele credo (proselitismo);
- ou a exclusão de alguma religião (discriminação).

As linhas de ação?

Inicialmente, o que se propunha era o ensino de conotação cristã, tendo por base a Bíblia e apoiando-se nas premissas que uniam os cristãos e não nas que os dividiam.

No espaço permanente de reflexão e acompanhamento do pensamento não só teológico, mas também da discussão pedagógica, o Ensino Religioso despiu-se desses condicionamentos para, em "carne e osso", assimilar a pedagogia de Paulo Freire, que expressava a perfeita ressonância e um exemplar casamento com a Educação Libertadora.

Não negando sua trajetória de pensamento e de ação, mas assimilando e se integrando às novas tendências pedagógicas contemporâ-

neas, chegamos em junho/92 com o novo e atual currículo. A proposta nele contida aspira estar aberta e sensível às rápidas e urgentes mudanças da atualidade, em todas as áreas do conhecimento; surge daí um novo paradigma apelando para uma nova visão de homem, sociedade, mundo, educação e, também, de fenômeno religioso do qual é importante o professor se apropriar.

A entrada no terceiro milênio é também a entrada para além do simples antropocentrismo, delineando-se uma visão mais integrativa, sistemática, ecológica, holística. Esta visão aponta para a sintonia existente das ciências modernas, filosofia, arte, com a sabedoria dos místicos das grandes tradições religiosas.

Mas, e na prática?

Eis alguns exemplos de aulas realizadas:

com o tema "Sua Origem", tendo como ponto de partida a análise da letra da música *O que é, o que ó...* do Gonzaguinha, iniciou-se a aula.

O que é, o que é...

Eu fico com a beleza da resposta das crianças:

é a vida, é bonita e é bonita.

Viver e não ter vergonha de ser feliz.

Cantar, a beleza de ser um eterno aprendiz.

Mas isso não impede que eu repita:

é bonita, é bonita e é bonita.

E a vida?

E a vida o que é diga lá meu irmão.

Ela é a batida de um coração?

*Ela é maravilhosa ou é sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é, o que é meu irmão?
Há quem fale que a vida da gente
é um nada no mundo.
É uma gota,
é um tempo que nem dá um segundo.
Há quem fale que é
um divino mistério profundo.
É o sopro do Criador
numa atitude repleta de amor.
Você diz que é luta e prazer,
ele diz que a vida é viver.
Ela diz que o melhor é morrer,
pois amada não é e o verbo é sofrer.
Eu só sei que confio na moça,
no moço eu ponho a força da fé.
Somos nós que fazemos a vida,
como der, ou puder, ou quiser.
Sempre desejada,
por mais que esteja errada
ninguém quer a morte.
Só saúde e sorte.
E a pergunta roda
e a cabeça agita.
Eu fico com a pureza da resposta da criança:
é a vida é bonita e é bonita...*

Na reflexão, pediu-se, primeiramente, que cada aluno destacasse da letra desta música a frase que mais lhe chamou a atenção e justificasse.

Em seguida, que respondesse as perguntas:

- Como você define a vida?
- Como o autor define a vida?
- Num país pobre como o nosso, onde impera a fome, o analfabetismo, o desemprego, tem sentido afirmar que a VIDA é bonita?

Para o confronto entre o saber popular espontâneo, intuitivo, e o saber elaborado, organizado pelos diferentes povos, sábios e dentistas, a professora utilizou duas frases como parâmetros:

*"Eu vim para que todos tenham vida,
e a tenham em abundância."*

Jesus de Nazaré

*V sábio é bom com os bons
E bom também com os não-bons
Porque sua íntima atitude
Só lhe permite ser bom".*

Lao-Tse

Como atividades:

- De interiorização. Fechar os olhos enquanto o professor vagorosamente recita:
*"Cada dia é um presente
a ser reconhecido como dádiva.
Não se levante tarde demais.
Olhe no espelho e sorria
E diga a si mesmo: "Bom dia!"
Então já está treinando
Para dizê-lo aos outros também."*

Pil Bosimans

Ou "Graças te dou, divina mãe (VIDA), pela saúde perfeita de meus nervos, ossos, músculos, órgãos. Eu sou bonito e feliz, inspiro respeito e amor em todos que me cercam. Graças a tua Divina Presença em cada célula de meu corpo."

Do Norte pioneiro, vem uma sugestão de trabalho usando como tema geral "A Família" e subtemas — salário, inflação, planejamento familiar, discriminação da mulher, machismo, solidariedade, problemas sociais e outros que envolvem a família.

Todo o trabalho é desencadeado a partir do filme *Sonho Impossível*, da Coleção Vídeo Escola, que traz como tema central a discriminação da mulher em relação ao homem, no qual aparece gritante a questão do machismo. A partir daí, os debates surgem naturalmente, acontecendo a interação professor-aluno, numa relação dialógica, permitindo o relato de experiências pessoais, levando os alunos a refletirem sobre a família hoje e aquela que é ideal para o seu futuro.

Os alunos são motivados a pesquisar reportagens de jornais e revistas e levados a produzir textos ligados ao tema.

Essa experiência é completamente vivenciada pela música do Padre Zezinho *Oração da Família*.

Para trabalhar o tema "Seu Corpo", um professor teve como ponto de partida a análise da música *Garota de Ipanema*, de Vinícius de Moraes, e da poesia *Vida e Morte Severina*, de João Cabral de Melo Neto.

Garota de Ipanema

*Olha que coisa mais linda
Mais cheia de graça
É ela, menina, que vem e que passa
Num doce balanço, a caminho do mar*

*Moça do corpo dourado
Do sol de Ipanema
O seu balançado
É mais que um poema
É a coisa mais linda
Que já vi passar*

*Ah, como estou tão sozinho
Ah, porque tudo é tão triste
Ah, a beleza que existe
A beleza que não é só minha
Que também mora sozinha*

*Ah, se ela soubesse
Que quando ela passa
O mundo inteirinho
Se enche de graça
E fica mais lindo
Por causa do amor*

Vida e Morte Severina

*... Somos muitos Severinos
Iguais em tudo na vida:*

*Na mesma cabeça grande
Que a custo é que se equilibra
No mesmo ventre crescido
Sobre as mesmas pernas finas,
E iguais também porque o sangue
Que usamos tem pouca tinta...*

*... De sua formosura
Já venho dizer:
é um menino magro
de muito peso não é
mas tem o peso de homem
de obra de ventre de mulher...*

*... mas tem a marca de homem
marca de humana oficina...
... mas a máquina de homem
já bate nele, incessante...*

A reflexão foi desencadeada com as seguintes perguntas:

- Como você imagina essa Garota de Ipanema?
- E o retirante nordestino Severino, como você o imagina, fisicamente?
- Por que existe uma diversidade tão grande de "tipos físicos" na sociedade brasileira?
- Como você encara seu próprio corpo? O que ele representa para você?
- Que parte de seu corpo você mais gosta? Por quê?
- Que tal você fazer uma entrevista com seu professor de Educação Física ou Ciências sobre saúde do corpo, hábitos de higiene, hábitos nocivos, etc...

Para o confronto foi utilizada a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Capítulo II (Dos Direitos Sociais), Artigo 6º, que diz: "São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição."

E o trecho bíblico: "Jesus 'crescia' em estatura, sabedoria e graça, diante de Deus e dos homens."

A auto-aceitação é fundamental para o surgimento de um ego sadio.

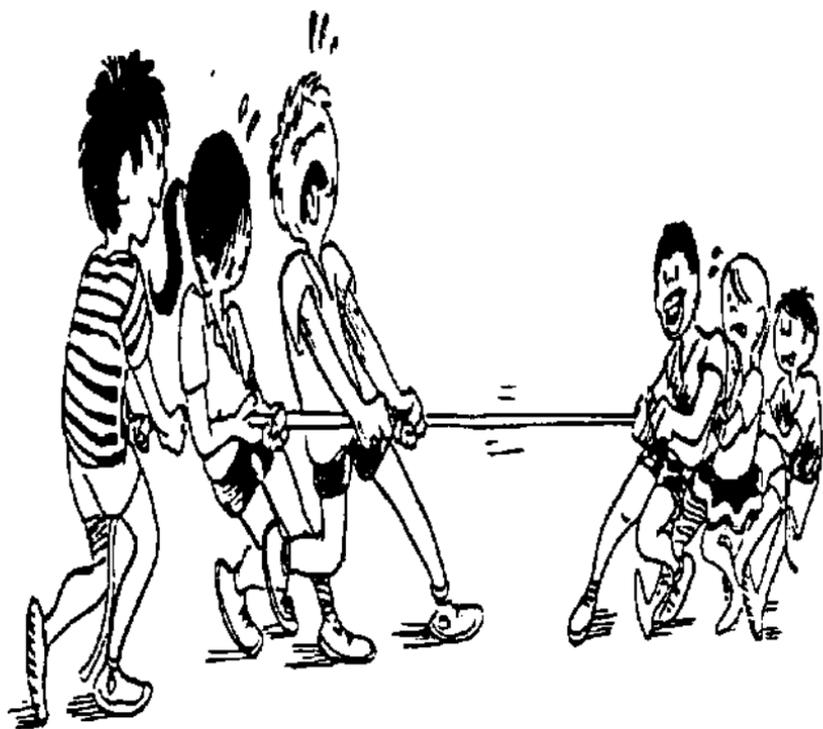
O professor deverá analisar a maneira como o educando se relaciona com sua própria imagem, levando-o a superar possíveis entraves, rejeições ou traumas, mostrando-lhe os seus aspectos mais positivos, apontando-lhe qualidades não percebidas. Lembrar que todos temos qualidades e defeitos.

Esta mesma aula pode ser feita a partir da seguinte experiência: o professor leva um espelho grande e coloca-o num lugar estratégico antes de os alunos chegarem, de tal forma que eles sejam obrigados a passar diante do referido espelho. Observar discretamente as reações e o comportamento de cada um diante da situação.

É também válido o trabalho com pequenos espelhos de uso individual, provocando ostensivamente a contemplação da imagem de cada um.

A partir daí, pode-se fazer a reflexão oral com perguntas provocativas sobre a experiência e a importância da aceitação do próprio corpo.

Como atividade foi sugerido aos alunos escrever um texto com o título *Eu e Meu Corpo*.



15. O Início de um Processo

"O importante é a travessia.

-O processo?

- Mas onde você quer chegar?'

C. Ortigara

*"Quem sabe onde chegar escolhe
o caminho certo*

e o jeito de caminhar. "

Tiago de Mello

Você, que chegou até aqui, percebeu as marcas, os grifos estampados nestas páginas. No início, colocamos que o novo para um pode ser rotineiro para outro. Já a sabedoria do antigo hebreu dizia: "Nada de novo em baixo do soi". O Aurélio, no seu dicionário, diz: "Inovar, v.t.d. 1. Tornar novo"; "Novo, adj. 1. Que tem pouco tempo de existência. 2. De pouca idade. 3. De pouco tempo; recente. Tenho um novo vizinho. 4. Que é visto pela primeira vez. 5. Que acaba de ser feito ou adquirido e/ou ainda não foi posto em uso: carro novo; vestido novo. 6. Que tem pouco uso. 7. Moderno, recente. 8. Original: seu quadro apresenta uma nova Bahia. 9. Inexperiente. 10. Estranho, desconhecido: O rapaz era novo na cidade. 11.0 que é recente".

Este Inovando nas Escolas do Paraná decorre do esforço das escolas na busca da sua identidade, tornando-se local privilegiado do aprender a bem viver e a conviver, construindo-se como escolas cidadãs.

A intenção, neste momento, é a de iniciar um processo amplo de intercâmbio de inovações, socializando o esforço até o momento pouco divulgado.

Muitas escolas, quando solicitadas a apresentarem seus experimentos inovadores, perguntaram-se: "Mas isso é novo?" E, na dúvida, preferiram aguardar. Outras fotografaram seu que-fazer e o entregaram para ser divulgado.

com a impressão das inovações apresentadas pelas escolas da rede estadual, está lançado o desafio: "O que nossa escola produz, temos certeza, merece ser divulgado."

Através dos Núcleos Regionais de Educação, tendo na SEED pessoas que viabilizem o intercâmbio, as escolas terão seus relatos socializados e nominados via boletins ou através de encontros locais, regionais e estaduais.

A personalização crescente do ensino, intensificado pelo Projeto Pedagógico da Escola — a Escola Cidadã, viabiliza, por certo, inovações que merecem estar nas mãos dos colegas professores que ainda não tiveram oportunidade de conhecê-las. Estas inovações tornam-se um "por exemplo", tanto das atividades docentes quanto do trabalho discente.

16. Em Síntese...

As inovações aqui apresentadas oferecem pinceladas, ações esparsas colhidas do dia-a-dia das escolas.

Ninguém se expõe para ser julgado, condenado, classificado, rotulado. O intuito é o de ofertar aos colegas um pedaço de esforço pessoal na tentativa de construir um ensino de qualidade. O que você pode fazer? Analisar, confrontar, rejeitar, questionar, incorporar, inventar, aprofundar?

Vivemos o momento máximo da aceleração histórica até hoje conhecido. O mundo se renova a cada segundo. O que é novo aqui é velho ali. O que é velho vira moda. E a história, diria Teilhard, evolui em espiral. Um dia todos estaremos lá. Lá onde? Existe um lá parado? Quem sabe, um dia...

Referências Bibliográficas

ALVES, Carlos Alberto Rodrigues. *Podes crer, é incrível*. Campinas: Petah, 1993.

AZANHA, José Mário P. *Experimentação educacional uma contribuição para sua análise*. São Paulo: Edart, 1975.

BRASIL. MEC. *Plano decenal de educação para todos*. Brasília, 1993.

CENPEC. *A democratização do ensino em 15 municípios brasileiros*. São Paulo: CENPEC: UNICEF: MEC, 1993.15v. (Série educação e desenvolvimento municipal).

ENCONTRO sobre melhoria da gestão e da qualidade da educação básica no Brasil; Fortaleza, 7 a 10 out. 1991. Brasília: PNUD: MEC: SEMEB, [1992].

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1993.

- GARCIA, Walter Esteves (Org.). *Inovação educacional no Brasil. problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980.
- GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo; FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Inovação educacional. um projeto controlado por avaliação e pesquisa*. São Paulo: Cortez & Mozaik: Fundação Carlos Chagas, 1980.
- HUBERMAN, A.M. *Como se realizam as mudanças em educação: subsídios para o estudo do problema da inovação*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- MARANHÃO, A.; ORTIGARA, C.G. *Pedagogia de meios*. Curitiba: CETEPAR, 1993.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. *A Escola cidadã*. Curitiba, 1993.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Teoria educacional crítica em tempos pós-modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- UNICEF. *Todos pela educação no Brasil. um desafio para dirigentes*. Brasília, 1993.

IPARDES
Instituto Paranaense de Desenvolvimento Economico e Social

Este livro foi publicado com a participação do IPARDES
através de contrato com INEP.

Curitiba/Agosto/94



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)